

ANO 4 - NÚMERO 40 - FEVEREIRO 2018

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10



S.O.S. ARAGUAIA

p. 08

CAATINGA

A seca que assombra o Sertão Nordestino

p. 20

ECOLOGIA

Os fantasmas contam a história

p. 30

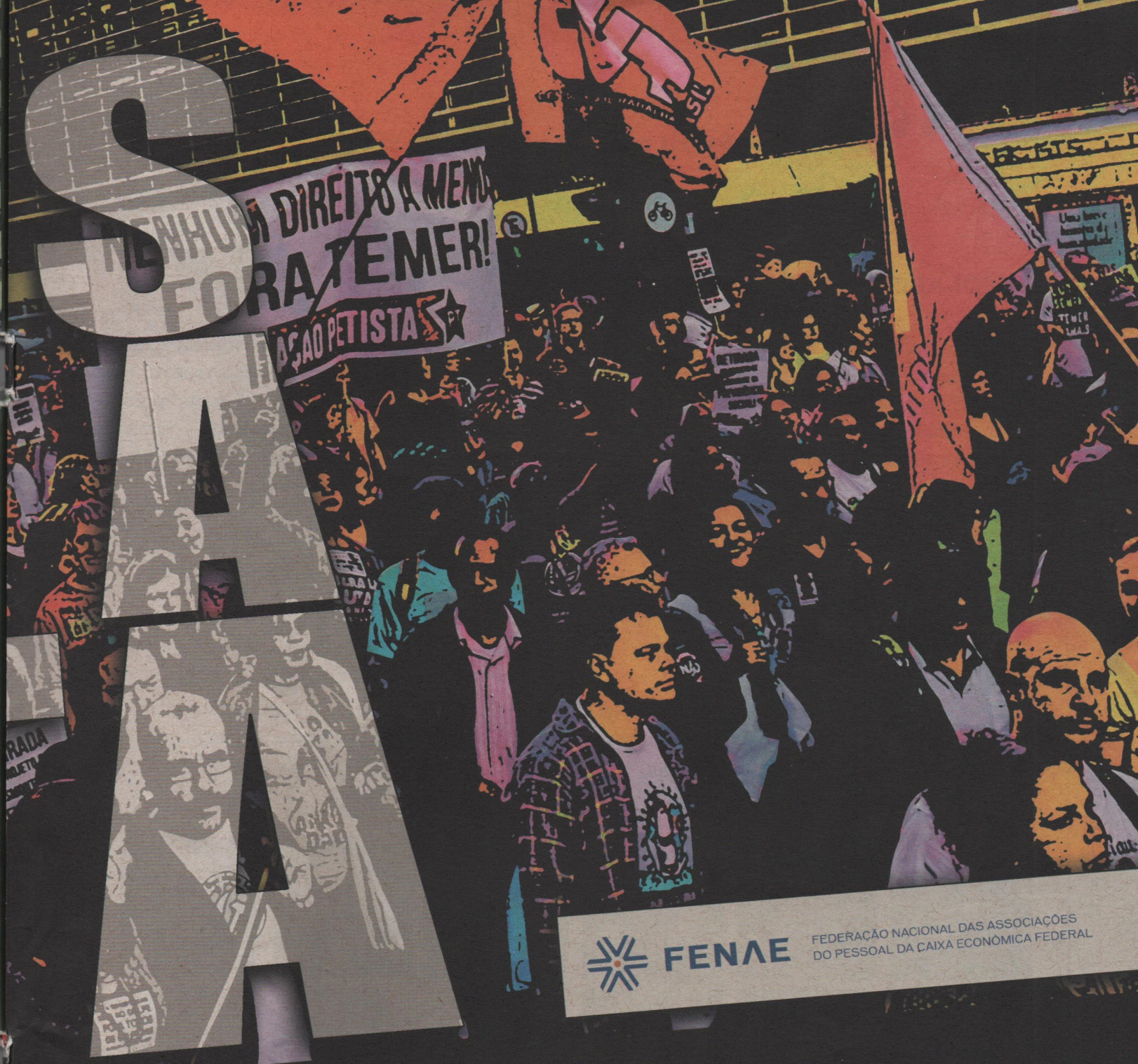
URBANIDADE

Ruas sem causa

p. 48



DEFENDA O BRASIL.
PARTICIPE DA MOBILIZAÇÃO
CONTRA O FIM DAS APOSENTADORIAS



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

A demolição do Brasil está associada à reforma da Previdência. É que as mudanças nas atuais regras de aposentadoria, como quer o ilegítimo governo Michel Temer, agri-dem o trabalhador, a sociedade e a tradição democrática do país.

Uma reforma que retira benefícios de todo cidadão brasileiro destrói o Estado Democrático de Direito. Organiza uma farsa, em lugar

de garantir a proteção social prevista na Constituição de 1988. Reaja, lute, mobilize-se contra mais esse retrocesso.

No dia 19 de fevereiro, data prevista para a reforma da Previdência entrar na pauta da Câmara dos Deputados, o trabalhador está convocado a participar do Dia Nacional de Luta. A hora é de resistir para transformar.

“Se botar pra votar, o Brasil vai parar”.

Nenhum direito a menos, nenhum passo atrás.

“ **Só uso a palavra para compor meus silêncios.** ”
Cecília Meireles

COLABORADORES/COLABORADORAS FEVEREIRO

Alfredo A. Saad - Escritor (In Memoriam). Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Ângelo Fabiano Farias da Costa - Procurador do Trabalho. Antenor Pinheiro - Jornalista. Antônio Teixeira Neto - Historiador. Bia de Lima - Educadora. Fernando José Cantele - Historiador. Eduardo Pereira - Comunicador Social. Emir Sader - Sociólogo. Iêda Leal - Educadora. Iêda Vilas-Boas - Escritora. Jaime Sautchuk - Jornalista. Leonardo Boff - Escritor. Lúcia Resende - Educadora. Luiz da Câmara Cascudo - Folclorista (In Memoriam). Trajano Jardim - Jornalista. Zezé Weiss - Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | | | |
|----|-----------------------------------|-----|------------------------------------|
| 1. | Jaime Sautchuk - Jornalista | 7. | Emir Sader - Sociólogo |
| 2. | Zezé Weiss - Jornalista | 8. | Graça Fleury - Socióloga |
| 3. | Altair Sales Barbosa - Arqueólogo | 9. | Jacy Afonso - Sindicalista |
| 4. | Ângela Mendes - Ambientalista | 10. | Jair Pedro Ferreira - Sindicalista |
| 5. | Antenor Pinheiro - Jornalista | 11. | Iêda Vilas-Bôas - Escritora |
| 6. | Elson Martins - Jornalista | 12. | Trajano Jardim - Jornalista |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. **E-mail:** contato@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.801-970 - Formosa, Goiás. **Atendimento:** Geovana Vilas Bôas (61) 9 9884 4810. **Edição:** Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. **Revisão:** Lúcia Resende. **Produção:** Zezé Weiss. **Jornalista Responsável:** Thais Maria Pires - 386/ GO. **Menor Aprendiz:** Ana Beatriz Fonseca Martins. **Mídias Sociais:** Eduardo Pereira. **Logística:** Calleb Reis. **Tiragem:** 5.000 exemplares. **Circulação:** Revista Impressa - Todos os estados da Federação. **Revista Web:** www.xapuri.info. **Distribuição:** - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. **ISSN** 2359-053x.



No Brasil Central, o período de veraneio, que dá praia, é no auge da estiagem, em julho de cada ano. E as areias mais lindas a ondularem extensos espraçados, apinhados de gente, não são salgadas, são das águas doces do rio Araguaia.

No entanto, essa é apenas uma das múltiplas funções desse belo rio. Os nativos já o tinham como parceiro na sua vida silvestre, como fornecedor de alimentos, de água e como via que dava mobilidade nas muitas atividades pacíficas ou mesmo nos tempos de conflitos intertribais.

Foi por ali, também, que os primeiros brancos chegaram à região, na ocupação do território que veio a ser o Brasil. E suas funções foram se multiplicando século após século, ano após ano, em demandas que ele prontamente atende. Mas hoje, cansado e maltratado, o Araguaia pede socorro.

Esse é o tema de Capa desta edição de Xapuri, numa abordagem ampla e profunda do SOS Araguaia. É um grito de alerta de um movimento que ganha vulto em Goiás em torno de uma causa que é mais do que justa, é necessária e urgente, com o sentimento da denúncia e a indicação de caminhos que levem à contenção desse processo.

Por falar nesse rio, também nessas páginas você terá um retrato de Pedro Casaldáliga, o bispo dos pobres, que, das margens do rio, é testemunha de boa parte de sua história. Uma realidade de igual modo vivenciada, em outra parte da Amazônia, pela religiosa Dorothy Stang, morta em missão.

Encontrará, ainda, a magia dos Lençóis Maranhenses, um presente aos ecoturistas. E os fantasmas da Via Láctea, as estrelas que nós vemos, mas não existem, e os sabores da Damurida, o ensopado de Roraima, de dar água na boca.

Enfim, muitas outras delícias você terá nesta Xapuri nº 40, que começamos a folhear.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

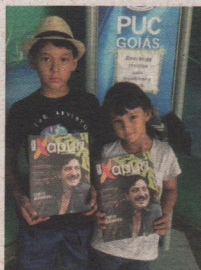
Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info



Excelente e emocionante o texto do Lula sobre o Chico Mendes na edição 39. Gratidão!
Ângela Mendes – Rio Branco – Acre.

Meus netos Miguel e Manuela com a Xapuri de dezembro no Memorial do Cerrado em Goiânia.
Mó orgulho! **Jaime Sautchuk – Cristalina – Goiás.**

Recebo sempre a revista Xapuri, através do SINTEGO, e gosto muito da qualidade dos conteúdos abordados. Como contribuição, gostaria de informar que a Lenda de Ossaim, publicada no número 37, está cheia de equívocos. Para começar, orixá é orixá, e vodun é vodun, são divindades diferentes de grupos étnicos diferentes. A filiação atribuída a Nanã e Oxalá não é verdadeira. Obatalá (Oxalá) é um orixá da etnia yoruba, e Nanã é um vodun da etnia fon. Suas histórias se desenvolveram em territórios diferentes, e seu encontro seria geograficamente impossível. Também a ilustração utilizada não corresponde às características físicas e míticas de Ossaim. Tem mais a ver com o brasileiríssimo saci-pererê.
Silvany Euclenio silvanyeuclenio@gmail.com.



CRÉDITO: A foto do Quilombo Mesquita na matéria "Festa do Marmelo no Quilombo Mesquita: Resgate da tradição marmeleira no Planalto Central", publicada em nossa edição 39 é de **Jonas Banhos.**

As imagens mais populares da @revistaXapuri



Imagem do mês

@cezarbiologo

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 40

SOCIOAMBIENTAL **FEV 18**

08

CAPA

S.O.S. Araguaia

26

CONSCIÊNCIA NEGRA

Crime de racismo em concurso de Morrinhos: punição é a resposta certa

16

PERFIL

Pedro Casaldáliga: "Comunista mesmo, só Cristo!"

30

ECOLOGIA

Os fantasmas contam a história

20

CAATINGA

A seca que assombra o Sertão Nordeste

46

MITOS E LENDAS

A lenda do carro caído

Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

19

BIODIVERSIDADE

Zeus: a coruja que tem o cosmos estampado no olhar

36

SUSTENTABILIDADE

A hora em que a história nos obriga a escolher um lado

22

CHICO MENDES

I Encontro dos Povos da Floresta: um legado de Chico Mendes

38

GASTRONOMIA

A damurida dos Macuxi: um quentíssimo ensopado de peixe ou caça moqueada

24

CONJUNTURA

O projeto Lula para o Brasil

40

MEMÓRIA

Um rio de sangue banhou a Amazônia: Dorothy - testemunha de luta e extermínio

34

ECOTURISMO

Dunas e lagos: maravilhas dos lençóis maranhenses

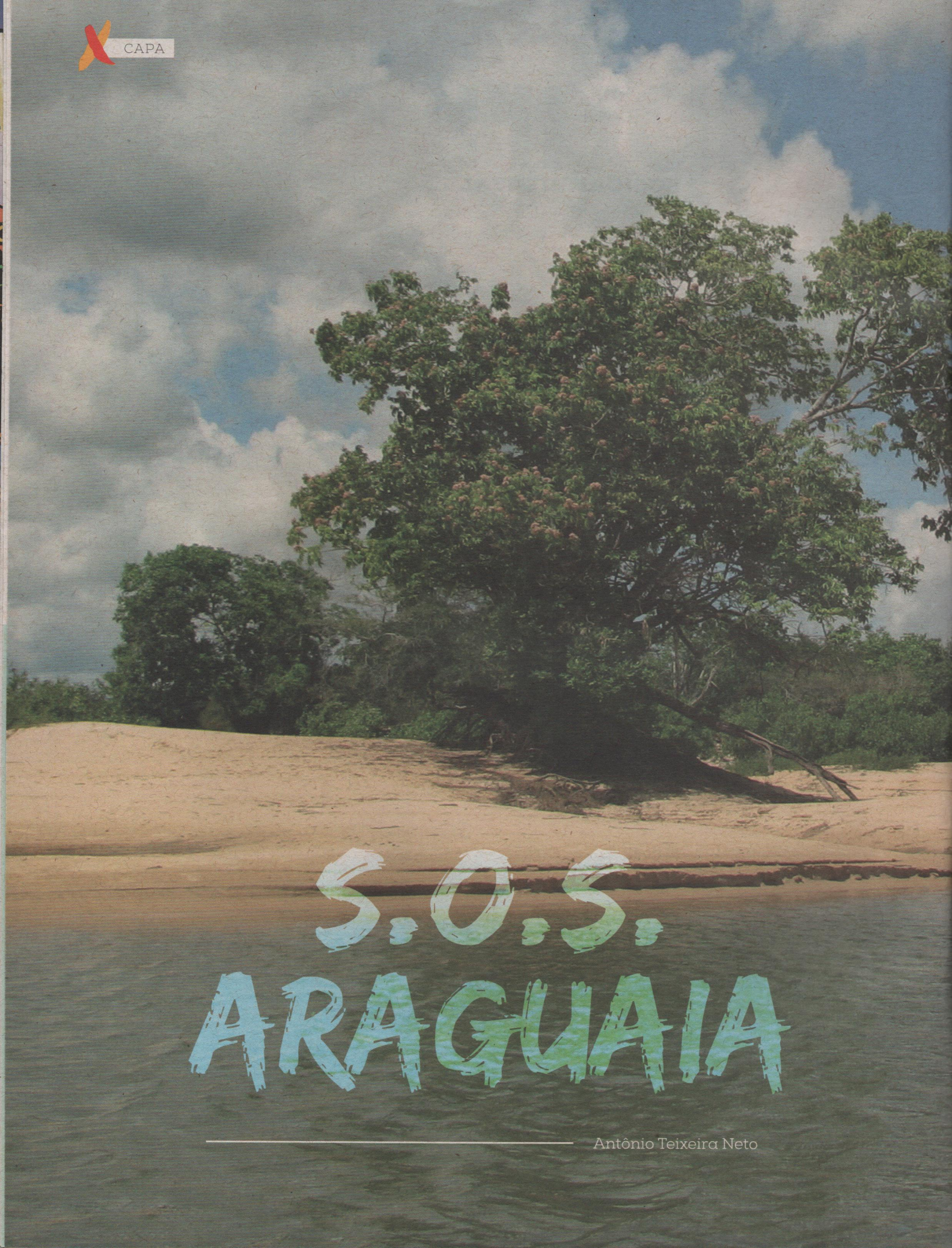
48

URBANIDADE

Ruas sem causa



CAPA



S.O.S.
ARAGUAIA

Antônio Teixeira Neto



Desde o início da colonização, no século XVIII, que o Rio Araguaia sempre fora visto como o mais importante caminho da redenção econômica de Goiás.

Mas, depois de conhecer um curto período de euforia na segunda metade do século XIX, com a inauguração da navegação a vapor pelo então presidente da Província do Mato Grosso, Couto de Magalhães, o Araguaia voltou a ser um rio como qualquer outro rio goiano, servindo de deleite aos seus ribeirinhos, principalmente os índios, e aos turistas que todos os anos invadem suas praias.

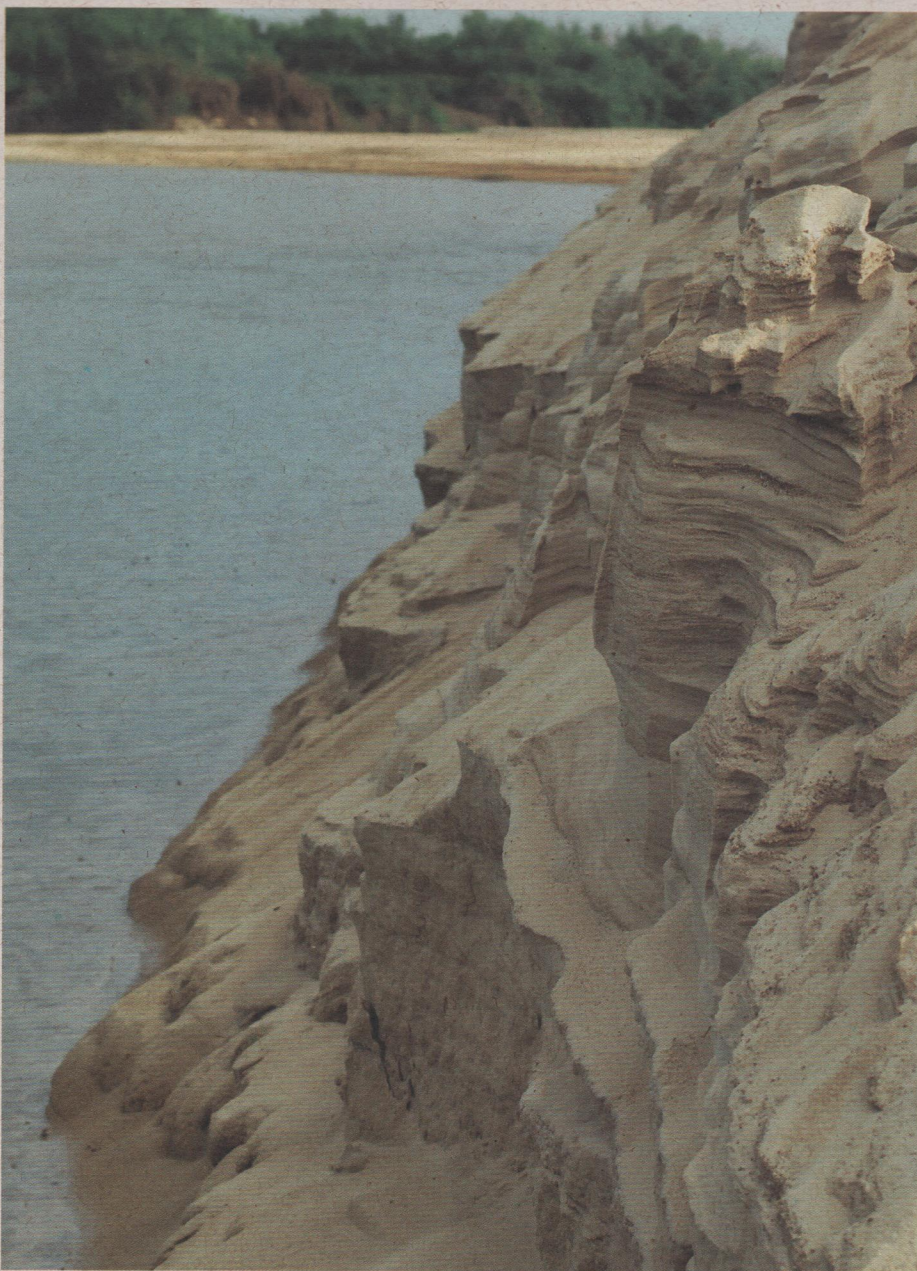
Porém, no tempo presente, com o advento do agronegócio - voltado para a criação de gado e para a plantação de grãos com alta tecnologia -, o grande rio e sua imensa peneplanície seduziram os olhos dos grandes proprietários, que viram naquela imensa reserva de valor uma também imensa área de potencial agropecuário inestimável a ser explorada.

A partir desse momento, o Araguaia nunca mais foi o mesmo e, como advertem estudiosos e ambientalistas clarividentes, corre sério risco de desaparecer como um dos mais originais cartões postais de Goiás e de estados vizinhos. É o que visa mostrar este artigo ao longo de suas páginas.

UM GRITO DE ALERTA

S.O.S. ARAGUAIA é um grito de alerta de cidadãos e cidadãos goianos e não goianos que não se conformam - e não se acomodam - com o trágico destino a que, em decorrência do desrespeito às mais elementares normas legais de uso dos recursos naturais, está condenado um dos nossos maiores - se não o maior - patrimônios naturais: o Rio Araguaia e sua imensa bacia.

O nosso objetivo não é o de pura e simplesmente sensibilizar os goianos sobre os abusos que estão cometendo contra o grande rio, mas, principalmente, alertar os poderes públicos municipais, estaduais e federais sobre sua morte - morte essa anunciada pelo próprio governo, por ambientalistas, pela grande mídia e, sobretudo,



por pessoas comuns.

O público em geral já deve estar cansado de tanta notícia ruim que pesa sobre o Araguaia, sem que providências de fato sejam tomadas pelas autoridades competentes. Na verdade, há mais notícias de ações pontuais, principalmente no período de férias – quando o Araguaia e suas praias são frequentados por milhares de turistas –, que tomadas efetivas de decisão no combate às catástrofes ecológicas a que o rio está sendo submetido, segundo cons-

tatam órgãos públicos e instituições não governamentais, como o *Movimento S.O.S. Araguaia*, grupo sem vinculação político-partidária.

Até mesmo o governo estadual, através de Delegacia de Repressão a Crimes contra o Meio Ambiente (DEMA), admite que se não forem tomadas providências imediatas contra a retirada de água além da conta do rio e de seus afluentes (autorizada e, sobretudo, ilegal) e contra a construção indevida de represas que matam

as nascentes de córregos que cortam as propriedades rurais da bacia do Araguaia, o grande rio vai morrer em 40 anos!

A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL E OS ALERTAS DA NATUREZA

De sua nascente, na Serra do Caiapó, à sua confluência, no Bico do Papagaio, sobre uma extensão de mais de 2.000 km, o Araguaia enfrenta todo tipo de risco de morrer de sede por falta d'água. Em volta das cabeceiras, desde os anos 1970, a cultura da soja vem desencadeando processos erosivos irreversíveis e ameaçando de morte as nascentes, como atestam diversos estudos do IESA (Instituto de Estudos Sócio-Ambientais-UFG), ITS (Instituto do Trópico Subúmido da PUC-GO), EMBRAPA e pesquisadores e ONGs respeitadas.

Em sua imensa peneplanície – que de um lado e de outro do rio se estende por cerca de 200.000 quilômetros quadrados, principalmente em volta da Ilha do Bananal –, a pecuária e a agricultura irrigada (arroz e feijão, sobretudo) praticadas em pastagens plantadas e em várzeas úmidas, retiraram (e continuam retirando) vegetação de suas margens e volumes de água do rio comprometedores para seu balanço hídrico (relação entre a quantidade de água que entra e que sai do solo em que ele corre) e, logicamente, para sua sobrevivência.

Ao se falar do Araguaia, estamos também falando de sua imensa bacia hidrográfica e sobre os efeitos devastadores que representam para sua existência a ocupação e o uso, no mais das vezes predatório, dos seus recursos hídricos e socioambientais.



Ao seu longo, em território goiano, 11 municípios (três deles - São Miguel do Araguaia, Nova Crixás e Mineiros - classificados entre os maiores do estado) são, da nascente à ponta sul da Ilha do Bananal, banhados pelo rio. Juntos, totalizam uma área de 40.619 quilômetros quadrados (pouco menor que a do estado do Rio de Janeiro) e abrigam enormes propriedades rurais (na atualidade, 6.500 aproximadamente) em que são criados e engordados os maiores rebanhos bovinos do estado e irrigados milhares de hectares com águas retiradas do Araguaia e seus principais afluentes (Rio Vermelho, Rio do Peixe, Rio Água Limpa, Rio Claro, Rio Caiapó, Rio Crixás-Açu, etc.).

Isto quer dizer que, direta e indiretamente, tanto os habitantes de suas margens, como também as inúmeras propriedades rurais, dependem do Araguaia e de seus afluentes para sobreviver e produzir alimentos e, por isso, inevitavelmente os impactam.

Logicamente, os rios têm serventia não apenas para seus ribeirinhos, mas para todo os cidadãos indistintamente. Costuma-se argumentar que os ambientalistas são contra toda e qualquer atividade que possa causar impactos ambientais em ecossistemas frágeis. Isto não tem nenhum fundamento, porque o que se denuncia, e se posiciona contra, é a maneira desrespeitosa como indivíduos sem escrúpulos - de ribeirinhos a grandes empresários rurais - usam em benefício próprio recursos naturais que são patrimônio de todos e não apenas de alguns.

O Movimento S.O.S. ARAGUAIA não quer simplesmente impedir a captação de água do complexo Araguaia para irrigação de

lavouras, mas tão somente chamar particularmente a atenção da sociedade goiana e dosmato-grossenses, tocantinenses e paraenses sobre os riscos ecológicos e ambientais que correm o grande rio e seus tributários, se não forem tomadas medidas de proteção de uma das unidades geomorfológicas mais originais do Brasil - a sua grande e jovem peneplanície ainda em formação.

É impossível voltar à estaca zero, ou seja, restaurar a originalidade natural do rio e sua enorme bacia hidrográfica, mas, sublinhemos, *é possível, e necessário, rever todas as licenças ambientais concernentes a projetos de concessão e outorga de água para agricultura irrigada, bem como desmatamentos e abertura de novas áreas agrícolas aprovados pelos órgãos públicos municipais, estaduais e federais.*

As imagens exibidas pela mídia todos os dias mostram abusos e desrespeito aos mais elementares princípios ecológicos e ambientais: a utilização gananciosa de recursos naturais por um número reduzido de pessoas em prejuízo de atividades tradicionais (pesca, agricultura familiar, turismo, etc) e de um grande número de pessoas (ribeirinhos e povos indígenas, sobretudo) que têm o rio como fonte de vida e sobrevivência.

Até as crianças sabem que existem limites de uso dos recursos que a natureza nos proporciona. A tragédia que abateu Santa Catarina em novembro de 2008 - bem como as que, todos os anos, se repetem, destroem e matam não apenas naquele estado, mas, invariavelmente, em todo o território brasileiro - é lembrada aqui para, mais uma vez, demonstrar que a lição não foi aprendida.

No início dos anos 1980, o Araguaia conheceu uma das maiores cheias de sua história. Se naquela ocasião não houve grandes prejuízos materiais, isto se deu também pelo simples fato de suas margens ainda conservarem a mata ciliar, que absorvia e dispersava boa parte das águas que escoavam em direção ao rio. Casas foram inundadas, é verdade, mas o ambiente em volta não foi tão danificado, como acontece na atualidade.

O que está acontecendo hoje, não apenas no Rio Araguaia, mas também em áreas urbanas, nos leva a meditar sobre uma das teimosias humanas mais persistentes: desconsiderar que, em última instância, é a natureza quem dita as regras de convivência e interação entre ela e os humanos.

Há milhares de anos que os indivíduos se esquecem que a natureza não é mãe nem madrasta. Ela é simplesmente indiferente à nossa existência. Humboldt, há mais de 150 anos, já chamava a atenção para os perigos que representam para a Humanidade a modificação do que ele denominou de *Naturgemälde* ("rede de vida"), ou seja, o meio ambiente visto como um todo interconectado.

Na atualidade, há até mesmo quem afirme que já estamos vivendo em um novo período geológico: o Antropoceno - "a idade dos humanos", quando, a partir dos anos 1950, realmente as grandes transformações ambientais provocadas pelos humanos em toda parte começam a deixar sinais de estragos irreversíveis - rios que secam, áreas enormes que se desertificam, chuvas irregulares que interferem nos calendários agrícolas por todos os lados, principalmente em decorrência



de fatores como, entre outros, o aquecimento global –, cujos efeitos implicam o que os especialistas chamam de “perda de integridade da biosfera”.

Ora, a natureza tem seus limites de tolerância diante de tais abusos, dentre os quais um dos mais óbvios é, convém repetir, desrespeitar sua fragilidade lá onde realmente ela é vulnerável. Isso se dá, por exemplo, ao desmatar margens de rios e córregos e morro acima, facilitando processos erosivos provocados pelas águas que descem morro abaixo; ao construir cidades sobre terraços inundáveis de rios; ao construir casas aos pés de barrancos; ao não proteger encostas contra deslizamentos, quando isto é obrigatório; ao captar além do limite recomendável águas de rios e córregos de todo tamanho e natureza; ao usar excesso de agrotóxicos que envenenam o meio ambiente, etc, etc. Dramas humanos e ambientais – como estes e muitos outros semelhantes, às vezes irreversíveis – levam tempo para serem esquecidos e para serem reparados.

A PROBLEMÁTICA DO RIO ARAGUAIA

Como todo e qualquer ecossistema em formação, o Araguaia e sua peneplanície têm suas fragilidades naturais. Não há quem não saiba quais são, principalmente os órgãos públicos federais, estaduais e municipais especializados, responsáveis por seu monitoramento e fiscalização.

A SECIMA-GO (Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Recursos Hídricos, Infraestrutura, Cidades e Assuntos Metropolitanos) tem seus departamentos especializados não apenas para



conceder licenças ambientais e outorgas (de água), mas também para realizar a importante tarefa de vistoriar e, em caso de fraudes e outros ilícitos ambientais, revogar concessões, punir infratores e interditar obras irregulares.

Com relação às águas fluviais, é de se interrogar por que esse importante órgão estadual ainda não constituiu um Comitê específico para a Bacia do Araguaia, a exemplo do que fez para a do Paranaíba e a do São Francisco, também rios interestaduais? Órgãos não governamentais e cidadãos comuns estão cansados de advertir e de chamar a atenção sobre esses problemas, caso da ONG Ambiente, que, repetidamente, não se cansa de martelar na mesma tecla.

O público em geral desconhece que, desde a criação da Capitania de Goiás, em meados do século XVIII, o Araguaia sempre fora visto pelas autoridades coloniais como o caminho da redenção econômica dos goianos. Conectando-se com o Rio Vermelho, ele poderia ser a principal via de escoamento da riqueza produzida nas redondezas da capital em direção a Belém do Pará e, na volta, fazer chegar à antiga Villa Boa produtos de que a capital necessitava.

Felizmente - é para dizer mesmo felizmente -, nenhum projeto de navegação pelo grande rio teve vida longa, e as razões disso foram mostradas por muitos historiadores e pesquisadores do assunto. A esse assunto dedicamos um artigo - *A propósito da hidrovía Araguaia-Rio das Mortes-Tocantins* -, em que são apontados alguns dos principais entraves que a inviabilizaram no passado e a inviabilizam no presente e, ao mesmo tempo, mostrado que o antigo sonho

da hidrovía Araguaia-Tocantins acabou se transformando num pesadelo sem fim.

O caminho do Araguaia, desde sempre até hoje, sempre foi cheio de tropeços: corredeiras acelerando as águas, barreiras naturais querendo pará-las, mudanças constantes do canal de navegação devido às cheias de todos os anos e muitos outros empecilhos naturais e humanos.

É de todos sabido - ambientalistas, geógrafos, geólogos, engenheiros e, principalmente, habitantes das margens do rio - que qualquer intervenção humana nesse meio ambiente em constante evolução trará modificações ambientais irreversíveis, tanto em relação ao meio natural (fauna e flora), como em relação ao meio social (os ribeirinhos, brancos e índios, que têm o Araguaia como meio de sobrevivência material e como território de seus hábitos e costumes culturais e sociais).

No tempo presente, mesmo com toda essa tecnologia moderna à disposição dos empreendedores, o sonho que alguns - empreiteiras, sobretudo - ainda alimentam ao querer fazer do Araguaia o caminho da redenção econômica regional não só em Goiás, mas também no Tocantins e no Pará, pode se transformar em mais um pesadelo.

Na realidade, ao se tentar transformar a hidrovía em um grande escoadouro de soja - como propõe o projeto *Hidrovía Rio das Mortes-Araguaia-Tocantins* - pode tornar-se antieconômico, pois o polígono de produção desse cereal situa-se muito longe do porto de embarque, que seria localizado na cidade de Aruanã.

Se esse assunto é aqui invocado, é tão somente para alertar as classes dirigentes e políti-

cas dos estados banhados pelo grande rio sobre os perigos constantes que correm o Araguaia e sua imensa peneplânie face a projetos agropecuários e viários que são propostos sem levar em conta a seriedade dos problemas geoambientais que isso acarreta.

Empreendedores gananciosos, que querem explorar a qualquer custo o imenso potencial que possui a bacia do Araguaia, não arredam os olhos da região. Através do poder político, o poder econômico não se cansa de apresentar projetos nesse sentido, como é, por exemplo, o caso de uma proposta de construção da *Transbananal* - rodovia que atravessaria o Parque Indígena do Bananal, interligando os estados do Tocantins e Mato Grosso, que desde 2013, ainda sob o governo Siqueira Campos, o agronegócio e o governo estadual vêm constantemente anunciando.

Ardilosamente, para dar ares de consentimento da parte mais interessada - os indígenas -, os poderes político e econômico (o agronegócio, sobretudo), lançam balões de ensaio procurando convencer a opinião pública sobre a viabilidade ambiental (mentirosa) e as vantagens econômicas (duvidosas) do empreendimento para as populações indígenas e não indígenas dos dois estados. Infelizmente, projetos irresponsáveis como esse não param de ser imaginados, como se a sobrevivência de milhões de pessoas dependesse deles.

Para fechar o círculo, tem-se a dizer que com relação à bacia do Araguaia do lado goiano - e aos problemas apontados por organizações e comitês que se criaram em sua defesa e, principalmente, pela DEMA -, o que se espera do governo é que ele tome medidas efetivas de combate a abusos

e ilícitos ambientais cometidos contra o rio e seus afluentes.

Não caberia aqui apontar com detalhes técnicos todos os problemas – eles estão por toda parte, aliás –, mas apenas lembrar às autoridades governamentais que são graves, como mostram documentários televisivos e documentos elaborados por órgãos públicos e por pesquisadores acadêmicos, como os abaixo exibidos:

- Erosões gigantescas (voçorocas, como a famosa Xitolina, nas cabeceiras;
- Desmatamento irresponsável de margens do rio;
- Avanço sobre áreas de proteção ambiental comprometendo o repovoamento do rio em peixes e matando a flora original;
- Retirada de água em excesso e/ou sem autorização em locais proibidos, como mostram as reportagens exibidas pelos canais e jornais televisivos, como, entre outros,

o Youtube, Jornal Nacional, Jornal Anhanguera, Jornal do Campo e o Jornal do SBT;

- Pesca e caça predatória;
- Emissão de dejetos urbanos no leito do rio;
- Enfim, fiscalização frouxa sobre o que foi aprovado e concedido pelo Estado; etc.

DIREITOS E DEVERES QUE SE CHOCAM

Sabemos que o direito à propriedade privada é ponto fulcral na Constituição. Assim, onde o dinheiro é rei, pode-se adquirir – legal, ou ilegalmente (mais desta forma que da primeira) – áreas enormes e delas se dispor na prática como convém aos seus donos.

O respeito às leis que regulamentam a posse e uso das propriedades rurais – como, para citar uns poucos exemplos, o que estabelece o Código Florestal quanto a áreas obrigatórias de

proteção permanente (as APPs), de reserva legal e de reflorestamento das margens de cursos d'água degradadas – é, por várias razões, difícil de ser observado, principalmente diante da leniência com que o poder público fecha os olhos para os abusos cometidos por pessoas e grupos de interesses poderosos.

A invasão de áreas institucionais (reservas em geral, terras indígenas, parques nacionais, estaduais e municipais) e a execução de obras irregulares em grandes propriedades particulares (desmatamento ilegal, drenagem de brejos, sem levar em conta o seu papel na alimentação de microbacias, ou represamento de cabeceiras, matando as fontes no seu nascedouro, e muitas outras irregularidades) são atos realmente praticados por pessoas e grupos poderosos que só visam acumular bens e poder em benefício de poucos.

Na verdade, esses ilícitos têm por objetivo tão somente garantir, de fato, a posse de grandes feudos – imensas reservas de valor –, que se constituirão em posse legal e objeto de especulação imobiliária desenfreada no futuro. Ora, todos nós sabemos que, historicamente, os governos nos três níveis de administração – atendendo, invariavelmente, a interesses de pessoas e corporações de grande peso político e econômico na vida nacional – tendem a regularizar posses ilegais mediante decretos e outros expedientes legislativos e jurídicos. Fazem isto face à insignificância da opinião pública em geral e à deseducação, para não dizer indiferença, da maioria dos cidadãos face às questões ambientais.

São exemplos recentes disso o





fechar de olhos do governo estadual à captação desproporcional de água, mais irregular que legal, a que nos referimos acima, e a inoperância das ações de fiscalização a elas inerentes. Por toda parte desse imenso território brasileiro se avança sobre áreas públicas ou se fecham os olhos aos crimes ambientais.

De um lado, os grandes monopólios do campo acham que é um desperdício idiota conservar áreas institucionais que nada produzem, como se fosse esse o papel delas na vida do país.

De outro lado, especialistas, como Thomas E. Lovejoy, alertam que "ao enfraquecer a proteção ambiental à Amazônia, o governo põe em risco a liderança do Brasil na exportação de alimentos e as reservas de água no sul do país", o que quer dizer que "para manter a integridade do seu ciclo hidrológico, a Amazônia precisa estar 80% intacta".

Contraopondo-se a essa tese, formadores de opinião não menos importantes do país, como J.R. Guzzo em "Vamos comer o quê?", querem fazer crer que, em se tratando de agricultura – seja ela praticada na Amazônia, no Cerrado, na Mata Atlântica, no Pantanal, na Caatinga, enfim, em qualquer grande bioma na-

cional –, "poucos países do mundo conseguem tirar tanto da terra e interferir tão pouco na natureza ao redor dela quanto o Brasil".

Tese controversa, pois, além de exibir estatísticas duvidosas, o articulista se esquece de que, dos anos 1970 para cá, a natureza na Amazônia e, principalmente, nos domínios do Cerrado, foi tão intensamente devastada que, atualmente, é lícito afirmar que se não forem tomadas medidas capazes de barrar a ação desenfreada dos seus detratores – o agronegócio irresponsável –, o país corre o risco de dismantelar de maneira irreversível o ritmo natural desses dois importantes ecossistemas.

Não há mais como esconder esses ilícitos, pois, como mostra a mídia nacional, por toda parte pipocam problemas à flor da terra: brejos que secam, rios secos que viram caminhos, lagos e represas que diminuem drasticamente volumes da água que toca turbinas e que abastece as cidades, ciclos de chuva que perdem o ritmo que tinham até recentemente e, como o fogo atizado no mato por inimigos da natureza, muito outros horrores que ocorrem longe dos olhos da maioria silenciosa de brasileiros.

"Vamos comer o quê?", estam-

pa em epigrafe uma das reportagens da revista. Comam açai, estariam aconselhando os ambientalistas, como aconselhara Maria Antonieta ao povo, que pedia pão, a comer brioques.

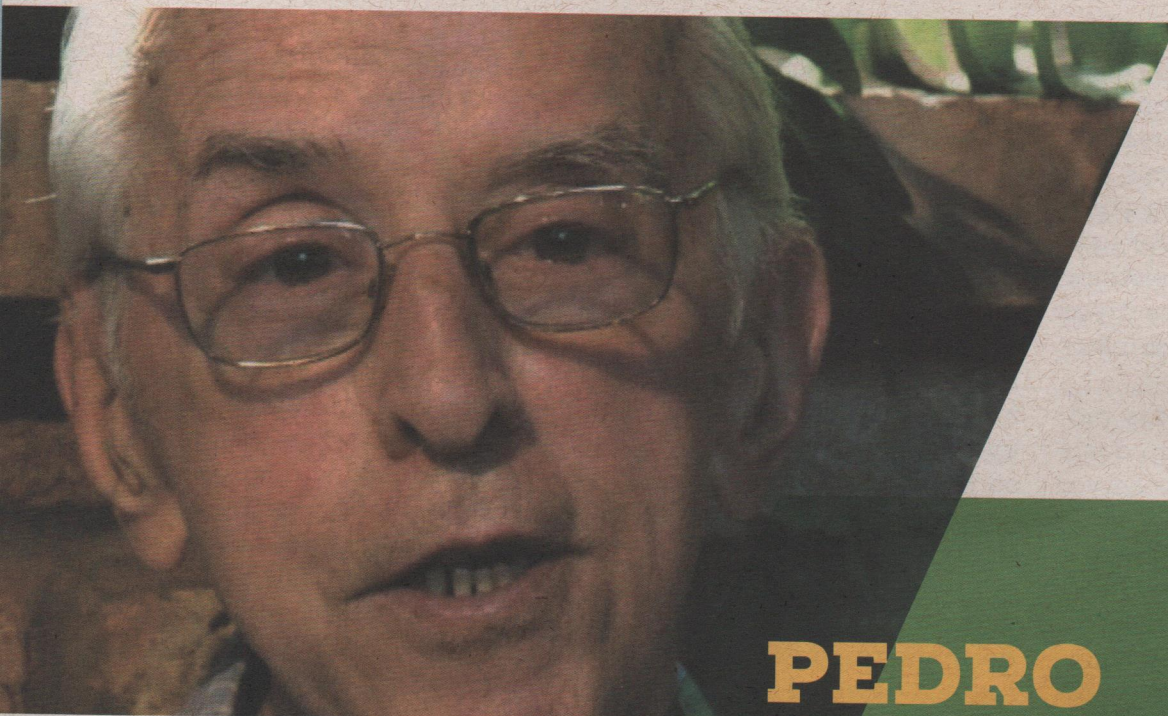
Ironias à parte, a verdade é que dificilmente se encontrará pontos de vista conciliantes quando, de um lado, os interesses de pessoas e grupos poderosos se esquecem de que, realmente, a natureza, como colocada nas primeiras páginas deste ensaio, não é mãe e nem madrasta e que, por isso mesmo, tem-se que respeitá-la lá onde ela exige cuidados, e que, de outro, quando o discurso ecológico radical fecha os olhos para o que recomenda a Agenda 21 + 20 (que consagrou o paradigma da sustentabilidade), ao não levar em conta que o ser humano, individualmente ou em grupo, há milênios – e por falta de uma verdadeira educação ambiental – é o único responsável pelas mudanças geoambientais dos ecossistemas em que vivemos.

Não é possível, replica-se, retornar ao ponto zero. Então..., só há um caminho a seguir: nos conscientizarmos de que realmente temos que obedecer aos ritmos que a natureza nos impõe e sermos parcimoniosos em seu uso.



Antônio Teixeira Neto

Licenciado em História, Engenheiro Agrimensor, Doutor em Geografia e Cartografia, sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Ex-professor da antiga Escola Técnica Federal de Goiás (atual IFG - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás), da PUC Goiás e da Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor de numerosos trabalhos acadêmicos sobre a Geo-História de Goiás e sobre o ensino da cartografia e sua abordagem semiológica.



PEDRO CASALDÀLIGA: "COMUNISTA MESMO, SÓ CRISTO!"

Jaime Sautchuk

Ao completar 90 anos de idade, neste fevereiro, o catalão *Pere Casaldàliga* *i Pla* pode estar um pouco enfraquecido pela idade e doença crônica, mas sua voz ainda reverbera o grito dos mais fracos na atrasada estrutura agrária brasileira.

Quando o padre Pedro Maria Casaldàliga Plá, nome que adotou no Brasil, chegou às margens do rio Araguaia, em 30 de junho de 1968, ele quase entrou em parafuso. As distâncias o confundiam demais da conta.

Os vizinhos e os fiéis católicos ficavam longe, na imensidão do

Cerrado e da Floresta Amazônica. Já a Via Láctea e a Lua estavam ali, bem pertinho, quase como o rio, que ficava a poucos metros, como que lambendo o casebre em que ele foi morar.

A ele, foi puro desígnio divino ir parar nas barrancas de um rio com o qual se parece muito. "É o rio mais romântico do Brasil", que carrega poesia em suas águas, como ele diz. E Pedro é grande poeta, respeitado no mundo inteiro por seus versos poderosos, quase sempre contra os poderosos de outro matiz.

O Araguaia é, também, "um rio militante", engajado nos con-

flitos sociais que, cada vez mais no último meio século, usam seu vale como cenário. E é um rio castigado, sofrido, pela ação dos mesmos humanos que não gostam de poetas nem de militantes que sigam ao lado dos mais fracos.

Pedro já completou quase um século de vida e reluta em deixar São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, bem em frente à Ilha do Bananal, onde vive desde que chegou. Catalão, ele viveu até os 40 anos na Espanha do Generalíssimo Franco, num tempo em que a Igreja Católica alisava o regime fascista de lá.



Chegou ao Brasil no período mais duro da ditadura militar e foi parar no barril de pólvora da "fronteira agrícola", onde os conflitos agrários banalizavam a morte. Tinha tudo pra tucanar, pra ficar em cima do muro e deixar o pau rolar. "A realidade não permitia deixar de optar", lembra ele.

A opção era entre os grandes latifundiários, financiados pelo Governo Federal e protegidos pelos militares, e os posseiros, peões semiescravos e índios. Nos seus primeiros dias na região, um fazendeiro lhe disse:

- Padre, logo o senhor será fazendeiro também.

Ele retrucou, de pronto:

- Só perdendo a cabeça ou a fé.

Meses depois, foi convidado pra um almoço na Fazenda Suíça-Missú, maior que o Distrito Federal, de propriedade de uma rica família paulista. Eram 160 convidados, vinte aviões, um fausto banquete - num ambiente socioeconômico que não era de festa, era de guerra pela simples sobrevivência. Foi a conta.

Na África, dez anos antes, Pedro foi implantar o programa "Cursilhos da Cristandade". Na Guiné, que então ainda era colônia espanhola, ele se recusou a formar grupos que não fossem

mistos, de brancos e negros. "Ou é café-com-leite, ou nada", impôs, e foi atendido.

Sua tomada de partido diante do latifúndio, aqui, era visível em sua fisionomia - magro, pequeno, óculos fundo-de-garrafa. Primeiro, deixou de cumprimentar grandes fazendeiros. Depois, fechava o rosto a eles. E só visitava casas e comunidades pobres da extensa prelazia, que ia do Araguaia ao Xingu. De fazendeiro, não aceitava nem carona.

Por fim, resolveu denunciar. Jornalista, com passagem por vários órgãos da imprensa católica na Espanha, sabia como difundir notícias sobre o que ali se passava. No início de 1970, escreveu um relatório intitulado "Escravidão e Feudalismo no Norte do Mato Grosso", que enviou a seus superiores, autoridades do governo e entidades civis.

Era um torpedo, um rico e duro diagnóstico da situação social e econômica da região. Mas, a representação do Vaticano no Brasil à época determinou que o documento não fosse mais divulgado. Paciente, Pedro resolveu esperar.

Ele tinha vindo pro Brasil montar uma nova prelazia e esta, muito logo, teria que ter um bispo. Ele diz que foi indicado por falta de alternativa, porque sua

fama de "comunista" já corria longe. Menos de um ano depois, ao sagrar-se bispo, leu o tal documento publicamente. Foi um estrondo.

O Papa Paulo VI tentou tirá-lo do Brasil, mas ele não aceitou. João Paulo II disse dele que era "mais fácil fazer poetas do que bispos". Nisso tudo estavam algumas de suas qualidades: ousadia e coragem nas atitudes, e um enorme talento pra pôr no papel sentimentos e verdades.

A equipe da prelazia ampliava sua atuação na educação de base, jornal e boletins da igreja corriam pela região, e nascia a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Mais ao norte, no Pará, rio abaixo, ocorria a Guerrilha do Araguaia (1972/75), que não era coisa da igreja (era o PCdoB). Enfim, a tensão crescia. Era um clima de guerra.

Pedro seguiu em frente, ajudando os sem-terra (ainda não havia o MST) a ocupar áreas devolutas, a enfrentar pistoleiros. Em 1976, ele e o padre João Bosco Burnier, de outra prelazia, foram ao povoado de Ribeirão Bonito acudir duas mulheres que estavam presas, sendo torturadas pela polícia local.

Três minutos de conversa, e um policial deu um soco, uma coronhada e um tiro no rosto do padre Burnier, que morreu na hora. Consta que o atirador se enganou, porque Burnier tinha mais "jeito de bispo". A população invadiu a cadeia, libertou as mulheres e pôs fogo em tudo.

Um ano depois, no local, era inaugurada uma igreja, num evento que mobilizou centenas de policiais armados até os dentes - e que foi divulgado no mundo inteiro. Com Pedro à frente de tudo.

E assim sucederam-se casos e mais casos, anos a fio, sem que Casaldáliga mudasse seu rumo, seu jeito, seu estilo franciscano de vida, embora ele seja da

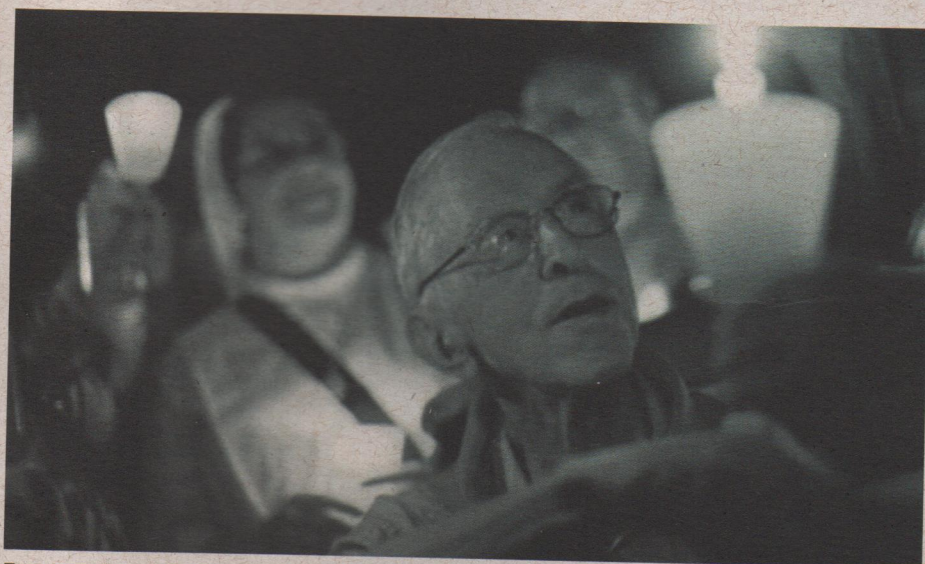


Foto: <http://taizabritomundoafora.ne10.uol.com.br/?p=1209>

Foto: <http://portalamazonia.com/>

congregação Claretiana. A mesma casa da chegada, ampliada pra atender visitantes, mas modesta como sempre, ele manteve até deixar o posto. A primeira geladeira, ele aceitou ganhar quando já tinha mais de 70 anos, porque nunca quis desfrutar de confortos que os vizinhos não pudessem ter.

Como nos velhos tempos, ele prefere andar de ônibus, embora hoje a idade e a saúde não o recomendem. Seus trajes são as roupas de cidadão comum, suas comidas são as que o povo come.

Desde sempre, sua vida é rezar, trabalhar e escrever, escrever. Em português e em catalão. Mas falar, só em português, que era uma regra na sua prelazia. Os períodos diários de oração solitária são sagrados, mesmo que pra isso só reste tempo nas madrugadas.

Ele nunca gostou de homenagens ou de ser idolatrado. É bem verdade que, após o fim da ditadura, aceitou receber o título de

cidadão honorário de Brasília, pois viu nisso uma forma de sentir-se um pouco mais brasileiro.

Na Internet, especialmente em páginas de entidades cristãs, é possível encontrar suas obras. São dezenas de livros de poesia, obras teóricas, cartas, vídeos, filmes, todas com a marca da Teologia da Libertação. Sempre conectadas com os movimentos populares de toda a América Latina.

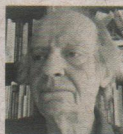
Um de seus poemas mais conhecidos é uma homenagem a Che Guevara. E, em cartas, ele tratava o líder cubano Fidel Castro por "você". Ao final de uma delas, diz que não iria abençoar o líder cubano porque "tenho dois anos a menos que você, e cabe aos mais velhos abençoarem".

O quadro social e econômico na região de São Félix, como em quase toda a Amazônia, mudou nesse meio século, mas não melhorou - em muitos aspectos, aliás, fez foi piorar. Mas, mesmo assim, Pedro acha que é possível

"ser menos radical". E arremata: "Mas não pouco radical".

Hoje ele viaja menos, tanto no Brasil como ao exterior, mas aceitou ir à Espanha, no início de fevereiro, onde foi homenageado em comemoração aos 90 anos. Desde 02 de fevereiro de 2005, quando o Papa João Paulo acolheu seu pedido de renúncia, ele não comanda mais a prelazia de São Félix, pra alegria dos ruralistas.

Contudo, ficou na região e recebeu do Vaticano o título de bispo emérito daquela localidade. Sobre sua fama de "comunista", criada desde quando ele era apenas padre, ironiza dizendo que "verdadeiramente comunista, só Cristo conseguiu ser".



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



ZEUS:

UMA CORUJA CEGA COM ESTRELAS NOS OLHOS

Zeus é uma coruja um pouco diferente das outras. Apesar de ser cega, é nos próprios olhos que ela carrega uma característica surpreendente: eles parecem uma noite estrelada.

De acordo com um artigo de Julija K., do Bored Panda, Zeus foi encontrada por uma pessoa no sul da Califórnia, nos Estados Unidos. O animal estava ferido em uma varanda e, ao recolhê-la, a pessoa percebeu que ela era cega e que, de modo surpreendente, apesar da cegueira, seus olhos brilhavam e pareciam bordados de estrelas.

Depois de visita ao veterinário, a coruja foi encaminhada ao seu novo lar permanente no Centro de Aprendizagem e Vida Selvagem, em Sylmar, Califórnia, onde ganhou o seu nome. A equipe do local resolveu ficar com a ave, pois, como ela era cega, eles não podiam simplesmente liberá-la na natureza.



A SECA QUE ASSOMBRA O SERTÃO NORDESTINO

Fernando José Cantele

Através de uma visão macro, as imagens desta matéria narram a poesia de um lugar difícil e desfalado sobre os reflexos de um fenômeno sócio-climático muito comum, que ocorre na Caatinga do sertão nordestino.

Caatinga em tupi-guarani significa mata branca. Essas são características dadas à vegetação, com exemplares que, em tempos de estiagem, perdem as folhas, criando um aspecto seco e sem vida.

Acredita-se que esse bioma seria o resultado da degradação de formações vegetais, tais como a Mata Atlântica e Floresta Amazônica. Logo, criou-se a falsa ideia de que sua vegetação era homogênea

e pobre em espécies, no entanto, pesquisas apontam que a Caatinga é muito rica em biodiversidade.

Hoje, o contexto da paisagem mostra mudanças fisionômicas influenciadas pelo clima e impactos diretos e indiretos causados pela ação humana. A relatividade caracterizada pelo atraso da precipitação de chuvas constrói o que chamamos de "poética das vidas secas".

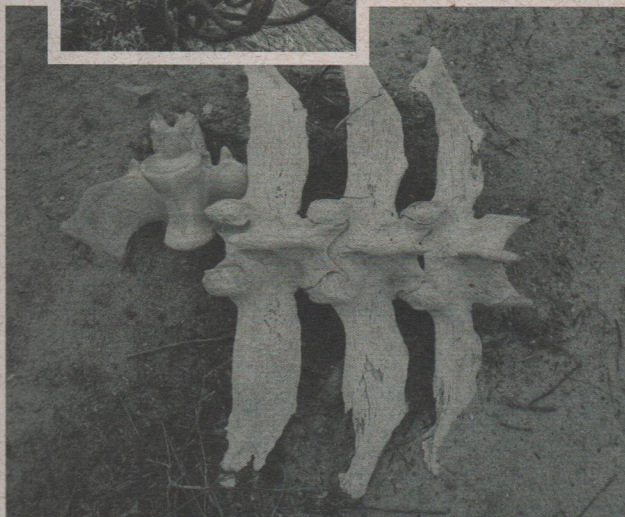
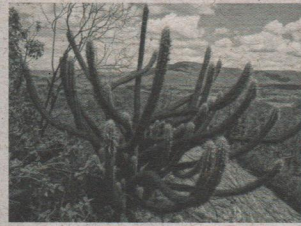
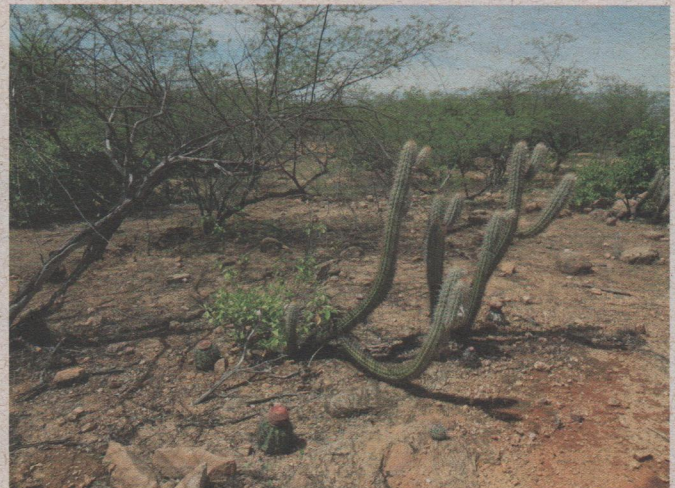
Aqui, o ciclo sazonal morre, dando lugar ao ciclo estático da seca, é como um rito de passagem, porém com deficiências no estágio de renovação. Os ossos nos aproximam dos resultados dessa transição, a ausência de cor capta o caos, a

morte, o luto e a dor resignada de um pastoril inexistente, o fantasma da seca resultante da relação entre sociedade e meio ambiente.

Cada um desses pontos de vista se afirma como uma das principais preocupações, a ciência mostra que o maior processo de degradação da Caatinga veio juntamente com a expansão da pecuária.

De acordo com o trabalho de geoprocessamento do CRN/INPE, entre 2013-2014, dados gerais do monitoramento revelam 39,98% de Caatinga preservada, 45,06 % de Caatinga degradada, 7,24 % de solo exposto, 6,45 %

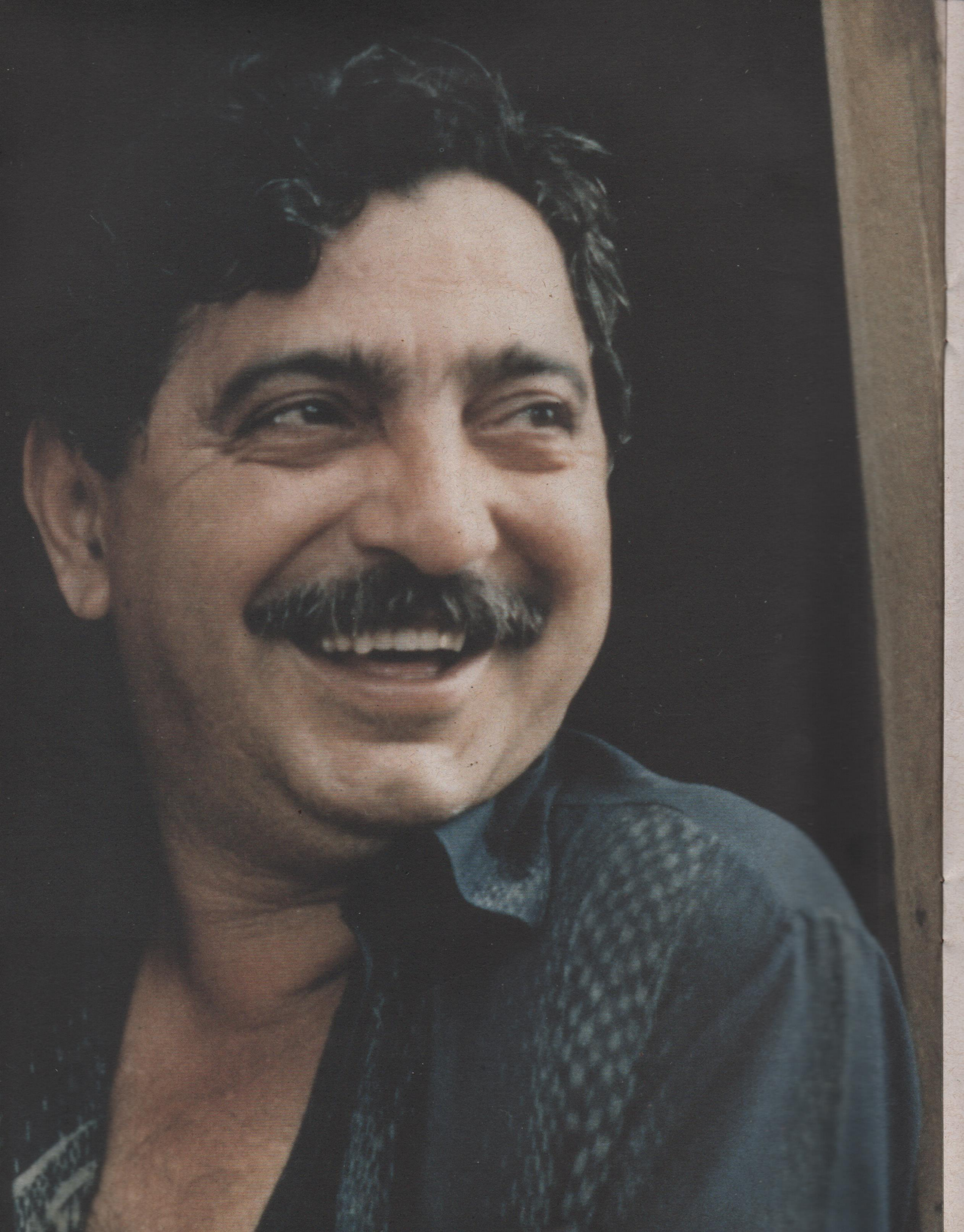
de lavoura, 0,76 % de corpos d'água e 0,32 % de área urbana.



Fernando José Cantele

Graduado em História, com formação complementar em arqueologia, cursando especialização em Cultura Material e Arqueologia. Atua há oito anos com arqueologia preventiva no âmbito do licenciamento ambiental.

Fotos: Fernando José Cantele.



I ENCONTRO DOS POVOS DA FLORESTA: UM LEGADO DE CHICO MENDES

Há muito tempo só havia o escuro.
Os caminhos sempre foram perigosos.
Às vezes os igarapés alagavam.
Às vezes faltava o peixe.
Às vezes comíamos bem.
Às vezes só tinha farinha.
Notícias, só de vez em quando
Nos rádios dos barracões,
Ou dos regatões.
A dívida consumia todo o trabalho.
Escola era palavra proibida.
Saúde só pros patrões.
O futuro era alguma coisa
Que parecia que não chegaria.
Ai, em cima da dor,
Da terra espinhosa.
Começamos a cultivar a flor.
A luz passou a ser construída.
A nossa união passou a ser
A poronga acesa que alumia o caminho,
E nossa luta,
Mesmo com sangue derramado,
Do nosso lado,
Cresceu e começamos a construir
Nosso futuro,
Sem patrão, sem exploração
E sem violência.
Hoje nossos filhos
Começam a sentir
Que vale a pena a vida,
Com a nossa proposta
Da Reserva Extrativista.
E o índio é nosso companheiro
Nesta caminhada... Da qual estamos
Dando hoje mais um passo
Com o I Encontro dos Povos da Floresta

Carta-Poema lida por Julio Barbosa de Aquino na Abertura do I Encontro dos Povos da Floresta, 25 a 31 de março de 1989, Rio Branco - Acre - Brasil.





O PROJETO LULA PARA O BRASIL

Emir Sader

A força de Lula vem de que ele apresenta um projeto para o Brasil. Um projeto que deu certo e que aponta para a possibilidade de resgatar a democracia, o desenvolvimento econômico, a justiça social e a soberania nacional.

As Caravanas confirmam como as experiências de governo ficaram na memória e na vida das pessoas. Como esses governos mudaram o Brasil e mudaram a consciência política das pessoas.

As pesquisas apontam essa força. Sob o mais monstruoso ataque na mídia e perseguição jurídica, Lula mantém o apoio popular e o amplia. Passa a aumentar o apoio na classe média, entre os de maior renda e de maior instrução. Ganha em todos os grupos das pesquisas.

É uma presença tão forte que nenhum outro candidato consegue projeção, como que bloqueados pela força do apoio a Lula. A direita se concentra nas tentativas de inviabilizar a candidatura do ex-presidente, depois de esgotar vários tipos de candidatos.

O discurso de Lula expressa tudo isso. Ele em geral começa pela preocupação com a situação em que se encontra o país, referindo-se a alguns dos aspectos mais sentidos pelo povo dos retrocessos levados a cabo pelo governo golpista.

Daí ele parte para a comparação com os governos do PT, retomando suas afirmações clássicas de que "o povo é solução e não problema" e de que "é preciso voltar a incluir o povo no orçamento". A partir daí ele tira as consequências das mudanças fundamentais que os governos do PT introduziram e como isso mudou a vida

do povo. Nas condições concretas de vida do povo, no acesso à educação, na elevação do poder de compra dos salários, na garantia do emprego, na autoestima dos brasileiros, no prestígio do Brasil no mundo.

Aí Lula retorna para dizer que conforme o povo foi tendo acesso a comer melhor, a ter acesso a lugares melhores, a viajar de avião, se dá conta dos seus direitos e não quer retornar a ser tratado como cidadão de segunda categoria.

Lula costuma decifrar aí como o ódio que a direita difunde expressa a dificuldade de setores da sociedade para aceitar essa ascensão social de grandes camadas populares, antes absolutamente excluídas.

Lula assume um discurso da paz, da necessidade da convivência nas diferenças, valendo-se sempre de exemplos do futebol. Ele trata de que as diferenças fiquem no plano das opiniões distintas, que convivem e disputam pacificamente, sem violência, nem discriminação e desqualificação.

Mesmo dizendo que os problemas não são as acusações que se fazem a ele, mas os retrocessos que sofre o povo e o país, sempre faz parte do seu discurso a reafirmação da sua inocência, de que não existe uma prova concreta que fundamente as acusações que fazem a ele. Que ele luta, antes de tudo, não para ser candidato, mas para afirmar sua inocência e que ela seja reconhecida pelos que o acusam sem provas, nem crimes.

Mas daí Lula articula sua defesa com sua vontade de ser candidato. Passa uma confiança enorme quando reafirma que quer ser candidato, que vai ganhar e vai fazer mais e melhores

coisas dos que as que fez.

Quando aborda a possibilidade de não poder ser candidato, diz que será pelo menos o grande eleitor. E as pesquisas confirmam isso, ao revelar que, caso seja candidato, tem todas as possibilidades de triunfar no primeiro turno. E, caso indique alguém para representar o mesmo projeto, esse candidato estará seguramente no segundo turno e, contando com Lula na campanha, será favorito para vencer.

Por isso Lula segue impávido com as Caravanas. Ele sabe que está construindo um projeto para o Brasil, que tem nele seu único e grande líder. Mas que a força que as Caravanas e seus discursos adquirem pertencem a um projeto, que terá ele como candidato ou alguém que ele indicar.

As pesquisas mostram que o campo popular, assim, se fortaleceu nestes últimos dois anos, representa a única alternativa concreta de resgate do país da pior crise de sua história. A luta é pelo direito irrenunciável de Lula ser candidato.

Um direito que se afirma não apenas na falta de fundamentos das acusações contra ele, mas na força do apoio popular, que faz de Lula o único que pode fazer com que o Brasil volte a ter um governo legítimo, respeitado e que atenda os interesses da totalidade do povo.

Lula é ele, o maior líder da nossa história, e é um projeto para o Brasil.



Emir Sader

Sociólogo
Autor do livro "O Brasil que queremos."





CRIME DE RACISMO EM CONCURSO DE MORRINHOS:

PUNIÇÃO É A RESPOSTA CERTA





Os responsáveis pelo conteúdo racista da prova de concurso da Prefeitura de Morrinhos, em Goiás, devem ser exemplarmente punidos. Afirmar a coordenadora nacional do Movimento Negro Unificado (MNU) Iêda Leal. "Não podemos mais conviver em uma sociedade onde o crime de racismo é a todo momento praticado e ao mesmo tempo banalizado. Os racistas não podem ficar impunes".

A prefeitura de Morrinhos e a empresa Consultoria Público-Privada (Consulpam) são as responsáveis pela prova do concurso que foi aplicada no dia 15 de janeiro de 2018 e foram denunciadas pelo crime de racismo.

Na categoria conhecimentos gerais, a prova trouxe o texto com o título "Qual a origem do Racismo?" E na questão 10 apresentou nas alternativas de respostas uma apologia negativa do negro. Ladrão, bandido, animal. As alternativas tinham como único propósito a desumanização da raça negra. Violência racial que atingiu milhares de cidadãos brasileiros; maioria da população.

Na sala do concurso, Hélio de Araújo Júnior sofreu diretamente o ataque. Ele é um dos mais de três mil candidatos que fizeram a prova. Constrangido, humilhado, massacrado, discriminado. Relatou que enfrentou os risos e a chacota das pessoas que estavam na sala com ele respondendo a prova. Revoltado, foi à delegacia e denunciou o racismo à polícia. "Foi uma coisa muito discriminatória", afirmou.

"A legislação tipifica o racismo como crime. Exigimos a sua aplicação. Não podemos admitir atitudes racistas na sociedade do século XXI. Os crimes de racismo não podem ficar impunes", enfatiza a coordenadora do MNU. A entidade apresentou representação ao Ministério Público de Goiás pedido apuração rigorosa do caso.

Para cobrar agilidade na apuração do inquérito, instaurado pelo MPGO para investigar o caso de racismo no concurso de Morrinhos, a coordenadora Iêda Leal e representantes do MNU se reuniram, no dia 29/01, com o procurador-geral de Justiça, Benedito Torres Neto, e a coordenadora do CAO de Direitos Humanos, Patrícia Otoni. "Queremos o MP como parceiro dessa luta contra o racismo", frisou Leal.

O MNU repudia e lutará fortemente para impedir que casos como esses ocorram. É preciso destacar o posicionamento de Hélio que, mesmo com todas as barreiras, teve a coragem de denunciar. "Foi muito difícil denunciar, você chega num órgão público e as pessoas acham isso normal. O Ministério Público da minha cidade me disse que não viu crime algum nisso", relatou Hélio ao site de notícias "Curta Mais", o primeiro a divulgar o caso de racismo. Reagir ao racismo é instrumento de cidadania contra essa violência racial, que massacra negros e negras neste país.

Na prova do concurso, a única resposta correta era "negro não é gente".

A empresa organizadora do concurso não viu nada de errado. A prefeitura considerou simples falha. E para as autoridades que têm o dever de que cumprir a lei?

Questão 10

Assinale o provérbio racista que representa a ideia filocentista descrita no trecho: "Os teólogos da época discutiam se os índios tinham alma, com o objetivo de saber, por exemplo, se ter relações sexuais com eles era pecado. Eles também chegaram à conclusão de que escravizar africanos era natural, com base na passagem bíblica em que Canal, filho de Noé,

embriaga-se e é condenado à servidão (Gênesis, 9:25)."

a) Negro parado é suspeito, correndo é ladrão, voando é urubu.

b) Negro só tem de gente os dentes.

c) Negro quando não suja na entrada, suja na saída.

d) Negro deitado é um porco, e de pé é um toco.

ESPERAMOS PROVIDÊNCIAS.

Racismo é crime.

Tipo: Inafiançável e imprescritível.

A prova cabal: Questão 10.

Vítima: Hélio, Joaquim, Fernanda, Marias e milhares de negros e negras.

Pena: 3 anos de reclusão.

Crime: Racismo.

Testemunha: Sociedade.

Qual a alternativa correta para essa questão? **Punição.**

Reaja à Violência Racial. Basta de impunidade!!!

Movimento Negro Unificado (MNU).
Material enviado por Iêda Leal

Iêda Leal

Professora da Rede Pública de Ensino, Secretária de combate ao racismo da CNTE, Coordenadora do C. R. Lélia Gonzales, Tesoureira do Sintego e Vice-presidente da CUT - GO





Água

não é mercadoria

Fórum alternativo denunciará tentativa de privatização da água - um direito elementar à vida

Unificar a luta contra a tentativa das grandes corporações em transformar a água em mercadoria, privatizando as reservas e fontes naturais, tentando transformar este direito em um recurso inalcançável para muitas populações, que, com isso, sofrem exclusão social, pobreza e se vêm envolvidas em conflitos e guerras de todo o tipo. Este é um dos objetivos do Fórum Alternativo Mundial da Água - FAMA 2018 -, que acontecerá entre os dias 17 e 22 de março de 2018, em Brasília - DF, na UnB.

O FAMA 2018 se contrapõe ao autodenominado "Fórum Mundial da Água" - um encontro promovido pelos grandes grupos econômicos que defendem a privatização das fontes naturais e dos serviços públicos de água.

O diretor de Políticas Sociais do Sinpro-DF, Gabriel Magno, explica que a exploração predatória dos recursos naturais e a crescente destruição do meio-ambiente vêm sendo denunciadas há décadas como uma sentença de morte à qual a humanidade se submete. "É preciso que se diga, entretanto, que essa não é uma escolha feita pelos povos do planeta, mas sim, por grandes corporações e governos que veem bons negócios nessa prática destrutiva - como a mineração, desflorestamento, extração de petróleo, o agronegócio, o uso de agrotóxicos, a construção de barragens, ações que muitas vezes

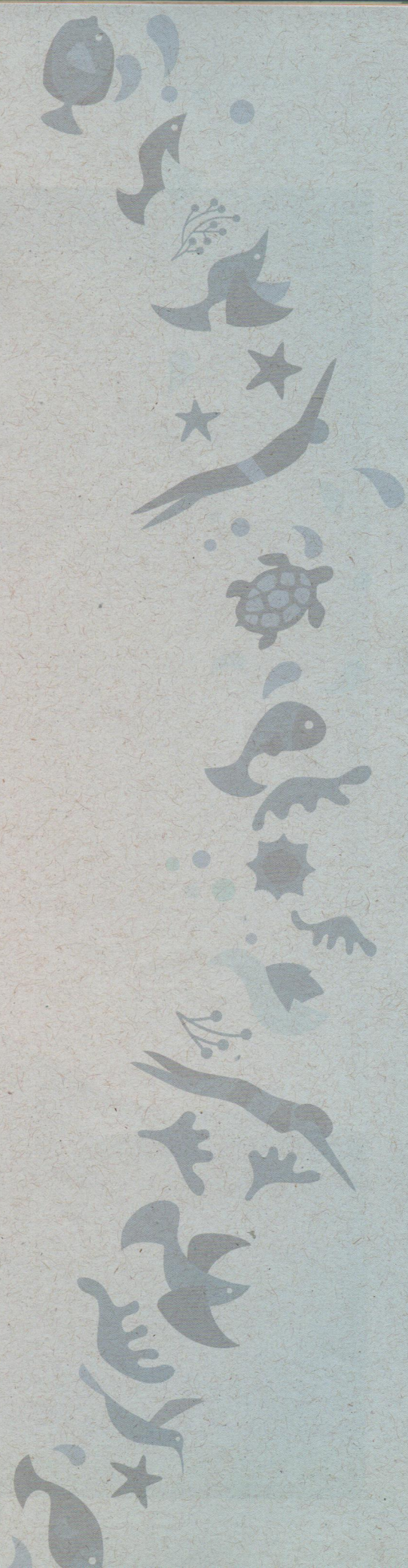
têm como único objetivo o lucro e não o bem-estar das pessoas; a sobrevivência dos animais, ou seja, a preservação do planeta”, enfatiza.

Ele lembra que o FAMA 2018 é um espaço de organização e resistência dos movimentos sociais em um processo de retirada de direitos, que acontece no mundo todo. No sentido brasileiro, do golpe que tem como fator estruturante a venda dos recursos naturais, o Fórum quer dialogar com o problema do Distrito Federal - que vive um problema de crise hídrica -, “no qual o GDF não consegue dar respostas que atendam os interesses da população”.

Estão previstos para os dias 20 e 21 de março atividades descentralizadas nas regiões administrativas do DF, e no dia 22 uma marcha pública em Brasília, além de atos espalhados por todo o mundo.

Mostra escolar - O Sinpro-DF realizará, este ano, a I Mostra Escolar e Pedagógica de Responsabilidade Social e Meio Ambiente.

“Trata-se de uma nova iniciativa do sindicato que visa a reafirmar a responsabilidade social da entidade com o meio ambiente e a dar visibilidade às atividades pedagógicas desenvolvidas nas escolas públicas do Distrito Federal que envolvem essa temática”, diz a coordenadora de Finanças do Sinpro, Rosilene Corrêa, enfatizando que esta mostra busca a incentivar as escolas a assumirem também seu papel de formadora de princípios e valores morais direcionados aos estudantes e voltados para a responsabilidade com a questão ambiental e para o uso dos conhecimentos aprendidos em favor da sociedade.







OS FANTASMAS CONTAM A HISTÓRIA

Altair Sales Barbosa

Quando, numa noite clara, contemplamos amorosamente as estrelas, mal sabemos que estamos ao mesmo tempo contemplando fantasmas. É que muitas dessas estrelas contempladas não existem mais, já desapareceram há muito tempo e o que vemos é apenas sua luz que, no momento, após uma longa viagem, está chegando ao Planeta Terra.

Isso acontece porque essas estrelas estavam muito distantes da Terra e o clarão de sua explosão, mesmo viajando a uma velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo, que é a velocidade da luz, somente agora se nos revela e significa que algumas das estrelas que vemos no céu são só fantasmas, que morreram antes mesmo de a Terra existir.

Entretanto, mesmo sendo fantasmas, os astrônomos tiram desses espectros informações valiosas sobre a origem do universo. Esse fato é possível porque a Astronomia incorpora nos seus métodos de ver o mundo uma visão sistêmica e um sentido de temporalidade cosmológica.

No mesmo sentido, quando o geólogo contempla uma montanha, não enxerga somente seus picos ou sua base, procura observar os fantasmas do passado que deram origem àquela montanha, os fantasmas da orogenia, de origem tectônica ou vulcânica, que impulsionaram para cima as rochas que formam a montanha. Isso ocorre por que a teoria

da tectônica de placas trouxe para a geologia a metodologia sistêmica que permite que os geólogos raciocinem tendo como guia a temporalidade geológica, sem perderem a noção do global.

Quando o zoólogo observa os animais atuais, também tenta desvendar os fantasmas que modelaram as condições genéticas desses sobreviventes e busca atrelá-los aos clados do passado, conhecidos através dos fósseis.

Quando o botânico observa os diferentes tipos de vegetação que cobrem uma alta montanha da sua base até o cume, também contempla os fantasmas do passado que criaram os ecossistemas ideais para a ocorrência de cada tipo vegetacional.

Assim também age um geomorfologista ao tentar entender a arqueologia das paisagens, como também age um geógrafo especialista em hidrologia e hidrografia quando observa um corpo hídrico superficial, e indaga: De onde vem a água? Quem abastece esse rio? Quais os fantasmas do passado que contribuíram para modelar as configurações atuais?

A metodologia sistêmica busca nos fantasmas a compreensão do global e suas projeções futuras, dentro de uma compreensão de tempo às vezes inconcebível na existência de vida humana. Durante toda a minha trajetória de pesquisa, sempre busquei nos fantasmas do passado as respos-

tas para os infindáveis problemas que iam surgindo.

Quando descobri o "Homem da Serra do Cafezal", considerado ainda hoje o esqueleto humano mais antigo das Américas e sabiamente batizado de Homo-cerratis pelo pesquisador Paulo Bertran, pude durante horas e dias, enquanto me encontrava dentro do buraco estratigráfico, removendo mansamente com pincéis de cerdas finas os sedimentos pleistocênicos que cobriam o esqueleto, dialogar com o fantasma daquele ser humano que viveu há 13 mil anos A.P. e morreu ainda jovem, aos 27 anos.

Observava cada detalhe de seus ossos e tirava conclusões sobre suas locomoções, analisando os desgastes dos dentes e aprendendo muita coisa sobre sua alimentação. Fazia várias indagações, como um louco conversando sozinho, mas esta loucura me proporcionou vários ensinamentos e aquele fantasma junto com os demais que pareciam rodeá-lo me abriram uma janela importante e mostraram muitos segredos da vida dos ancestrais indígenas que povoaram o Planalto Central do Brasil.

A esses fantasmas sou muito grato. Durante várias vezes, à noite, pegava minha rede, deixava a equipe no acampamento e me deslocava sozinho para dormir ou passar a noite dentro das grutas, ali observava a movimentação de intensa fauna noturna incluindo o tatu canastra. Na escuridão das cavernas, ficava a imaginar como se-



ria a vida daquele povo, ancestral dos indígenas atuais, que habitou por muitas gerações estes abrigos.

Os fantasmas da escuridão me fizeram admirar e respeitar ainda mais os indígenas que conseguiram sobreviver ao avanço enfurecido da civilização guiada pelo capital.

Embora os fantasmas tenham me ensinado muito sobre o passado, fato que tem me ajudado a compreender o presente, ainda pairam sobre minha cabeça muitas dúvidas de como será o futuro, isso porque o século XXI está assistindo à mais fantástica revolução da história da humanidade.

Não se trata apenas de uma revolução política, social ou econômica, mas uma revolução global, a revolução do homem, desencadeada pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Esta revolução abrange todas as outras e obriga a uma mudança da nossa concepção de universo e tende cada vez mais a se confundir com o próprio homem e a derramar dúvidas quanto ao destino da humanidade.

Essas dúvidas me fizeram lembrar da feliz comparação de Gaston Berger, expressada por Rose Marie Muraro em 1969, em sua obra "A automação e o futuro do homem". Assim dizia Berger: "A humanidade assemelha-se a um automóvel correndo a toda velocidade através da noite. Se não possuir possantes faróis certamente acontecerá uma catástrofe".

Temos muito mais do que neces-

sitamos para viver. Alguns agem, mas sem a visão do todo. A maioria se assemelha a um naufrago sozinho numa ilha isolada esperando que a maré lhe traga a boa nova.

Com os fantasmas, pude aprender algo sobre a felicidade. A impressão que tenho é que a felicidade era para aqueles povos a espinha dorsal da liberdade. E nessa espiral construíram suas sociedades. Para tentar entender esse fato, mergulhei na leitura exaustiva das obras de Teilhard de Chardin.

Num desses escritos existe uma história que relata: "Uma certa vez, um grupo de pessoas, ideologicamente identificadas, fez uma reserva em um resort luxuoso, cercado pelo encanto de uma natureza exuberante, para discutir seus problemas e traçar suas metas. Para tal, foi estabelecida uma rigorosa programação que era repetida todos os dias.

Num dado momento, um dos componentes do grupo sugere quebrar a rotina, através de uma nova programação para o dia seguinte, que consistia em explorar o cume de uma montanha que ficava a alguns poucos quilômetros da sede do resort. Todo o grupo aceitou sua ideia. No outro dia, as pessoas do grupo saíram equipadas, deixaram alegres e em cantoria a sede e partiram em direção à montanha. Depois de certo tempo, uma parte do grupo pôs-se a reclamar e retornou ao resort.

Entretanto, a outra parte conti-

nuou a jornada. Ao chegar aos pés da montanha, o grupo se depara com uma fonte de água cristalina, um pomar de frutas silvestres e muita sombra. A reunião de todos esses elementos fez com que uma outra parte do grupo relutasse em continuar a caminhada, e por ali fica. Apenas uma pequena parcela resolve caminhar até o objetivo pré-estabelecido, que seria alcançar o alto da montanha".

Por mais simples que seja essa história, ela é capaz de revelar três atitudes básicas que a sociedade e alguns de nós tomamos em nossas vidas. A atitude de recuar, a atitude de se acomodar e atitude da busca da superação, ou da busca metafísica.

Para Teilhard de Chardin, só pode ser feliz aquele que busca a superação, pois a felicidade reside na liberdade ou na superação de situações obscuras, para aquelas que apontam a claridade.

Em que momento na história da humanidade esse paradigma mudou? É muito difícil de afirmar. Nossa esperança reside no fato de que os fantasmas possam ser aleivosias, que, vira e mexe, acordam de seus sonos profundos e aparecem novamente. Quem sabe, quando aparecerem, poderão nos ensinar os caminhos da eterna coerência.

Altair Sales Barbosa

Arqueólogo. Excertos do livro "O Pilar da Juriti Pepena - Narrativa Ecológica da Ocupação Humana no Cerrado". Sales, Altair [et al]. Editora PUC-Goiás, 2014.



COMO NASCEU O KILOMBO MESQUITA

A origem do Kilombo Mesquita [localizado na Cidade Ocidental, Goiás] parece estar ligada diretamente ao surgimento de Luziânia, fundada em 1746 por Antônio Bueno de Azevedo. Na tropa desse bandeirante havia um parente seu chamado José Correa de Mesquita, o seu capitão-mor, que tudo indica ter sido o proprietário das terras que atualmente guardam o seu nome.

Com a vinda da crise na exploração de ouro (1775), muitas famílias pioneiras abandonaram Luziânia e, entre elas, possivelmente, estava a família Mesquita, que findou por destinar suas terras a três escravizadas. Segundo estudos recentes, essas seriam: Maria Abadia, Martinha Pereira Braga e Maria Pereira Dutra.

Com o passar do tempo a comunidade foi adquirindo os aspectos de um verdadeiro arraial, ao mesmo tempo em que recebida diversas variantes do nome "Mesquita", tais como, Fazenda Mesquita, Sítio do Mesquita, Tapera do Mesquita, Arraial dos Pretos, Arraial dos Crioulos, Crioulos, etc.

As terras, nos primeiros períodos, eram concebidas em caráter mais ou menos coletivo. Todavia, esse formato foi alterado com a

tramitação de um processo de inventário, iniciado em 1943 e concluído em 1957. Fato que parece ter gerado algumas fraturas no relacionamento entre os quilombolas.

Alguns fatores externos também interferiram na vida dos Mesquita, por exemplo, a construção de Brasília (inaugurada em 1960) e a de Cidade Ocidental (1976). Esses dois acontecimentos impactaram diretamente a realidade do Kilombo, positiva e negativamente. O fator positivo foi a criação de oportunidade de empregos e de comercialização de seus produtos. Já como elementos negativos encontram-se a constante sedução de empresários em geral, de imobiliárias, construtoras, mineradoras e outros ramos de empreendimentos que têm buscado convencer ostensivamente os quilombolas a se desfazerem de suas terras.

O branco quando percebeu a riqueza e as potencialidades do local, foi buscando obter a confiança da comunidade, semelhantemente aos tempos idos da chegada da corte portuguesa ao Brasil, quando o poder era imposto utilizando-se de sedução financeira, ameaça e/ou semeando a discórdia em meio à população local.



Foto: quilombomesquitadotcom2.wordpress.com/espaco-memoria/

Kilombo Mesquita - Histórico. Excerto do livro
"A Verdade sobre a Escravidão Negra no Distrito Federal e Entorno".
Sindicato dos Bancários - 2017





DUNAS E LAGOS: MARAVILHAS DOS LENÇÓIS MARANHENSES

Eduardo Pereira

Fevereiro é quando começam a encher os milhares de piscinas de água doce que se entremeiam com as dunas, a perder de vista, no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Na região, costuma chover de janeiro a junho e, quanto mais chuva, mais lagoas se formam, mais piscinas naturais brotam entre as alvissimas areias do Parque.

Esse é o tempo certo para quem gosta de mergulhos ou simplesmente de refrescar-se em lagoas de águas límpidas depois de longas caminhadas sobre as areias brancas do maior campo de dunas do Brasil. De julho a janeiro, a maioria das lagoas vão secando, e só os

lagos perenes, que são raríssimos, resistem até o fim da estação seca, quando as águas de fevereiro voltam e tudo recomeça, e as lagoas multicoloridas se multiplicam.

Entretanto, qualquer que seja a época do ano, a experiência de atravessar o campo de dunas, localizado no litoral oriental do estado do Maranhão, em uma área que ocupa 2/3 dos 155 mil hectares do Parque Nacional, que perpassa três municípios - Barreirinhas, Santo Amaro e Primeira Cruz -, é uma experiência simplesmente deslumbrante e inesquecível.

O Parque fica aberto para visitação o ano inteiro, de segunda a segunda, das 8 às 18 horas.



COMO CHEGAR

O acesso ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses pode ser feito, principalmente, pelas cidades maranhenses de Barreirinhas e Santo Amaro. Mas atenção: apenas veículos com tração 4x4 e equipados com snorkell conseguem transitar pelas dunas.


Barreirinhas - O principal acesso é pela rodovia MA-402, asfaltada. Em Barreirinhas há estrutura para hospedagem e alimentação, e também agências de turismo com várias opções para passeios no Parque, que começam com a travessia do Rio Preguiças, de balsa, e outros atrativos como o passeio de lancha para a foz do Rio Preguiças e o boia-cross no Rio Formiga.

Santo Amaro - Seguir pela MA-402 até o povoado de Sangue. De lá, seguir 36 km pelas trilhas de areia. Em Santo Amaro, que fica a menos de 2km do Parque, há pousadas e restaurantes.

Fontes:
<http://www.icmbio.gov.br/parnalencoismaranhenses/guia-do-visitante.html>
<https://guia.melhoresdestinos.com.br>



Eduardo Pereira
 Produtor Cultural

 @weiss_guru



A HORA EM QUE A HISTÓRIA NOS OBRIGA A ESCOLHER UM LADO

Leonardo Boff





Estamos num momento crucial de nossa história, que nos obriga escolher um lado. Tornou-se claro que estão se enfrentando dois projetos que irão definir o futuro de nosso país: a recolonização ou a refundação.

O projeto da recolonização do Brasil força-o a ser mero exportador de *commodities* para os países centrais. Isso implica mais que privatizar os bens públicos, mas de desnacionalizar nosso parque industrial, nosso petróleo, grandes instituições públicas, quem sabe até universidades. Trata-se de dar o maior espaço possível ao mercado concorrencial e nada cooperativo e reservar ao Estado só funções mínimas.

Este projeto conta com aliados internos e externos. Os internos são aqueles que deram o golpe e aqueles 71.440 multibilionários que o IPEA, sob Jessé Souza, elencou e que controlam grande parte das finanças e financiam o Estado com pesados juros. O aliado externo são as grandes corporações globais, interessadas em nosso mercado interno e principalmente o Pentágono, o órgão que zela pelos interesses globais dos Estados Unidos.

O grande analista das políticas imperiais, recém falecido, Moniz Bandeira e o notável intelectual norte-americano Noam Chomsky bem como Snowden nos revelaram a estratégia de dominação global. Ela se rege por três ideias-forças: a primeira, um mundo e um império; a segunda, a dominação de todo o espaço (full spectrum dominance), cobrindo o planeta com 800 bases militares, muitas com ogivas nucleares. É prevista, sob o olhar do neoliberal presidente da Argentina, Macri, uma grande base na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai, Argentina) para controlar o Brasil e particularmente o Aquífero Guarani, decisivo para o futuro próximo de grande parte da humanidade sedenta e que poderia abastecer de água o Brasil por 300 anos; a terceira, desestabilizar os governos progressistas que estão construindo um caminho de soberania própria e que devem ser alinhados à lógica imperial.

A desestabilização não se fará por via militar, mas por via parlamentar,

já ensaiada eficazmente em Honduras e no Paraguai e agora no Brasil. Trata-se de demolir as lideranças carismáticas, fazer da política o mundo do sujo e dismantelar políticas sociais para os pobres. Um conluio foi arquitetado entre parlamentares venais, estratos do judiciário, do ministério público e da polícia militar, secundados pela mídia conservadora que nunca apreciou a democracia e sempre apoiou os golpes.

Conseguiram apear a presidenta Dilma, democraticamente eleita e instalar um Estado de exceção, antipopular, corrupto e violento. Todos os itens político-sociais, desde então, só pioraram dia a dia. Especialmente foram tirados direitos sociais dos trabalhadores, fruto de anos de luta.

O outro projeto é o da refundação de nosso país. Ele já vinha sendo esboçado muito antes, mas ganhou força sob o governo do PT e aliados, para o qual a centralidade é dada aos milhões de filhos e filhas da pobreza, descendentes da senzala, apesar dos constrangimentos impostos pelo neoliberalismo imperante no mundo e no Brasil. Junto com a garantia do substrato vital para milhões de excluídos através dos vários projetos sociais, foi a dignidade humana, sempre aviltada, que foi resgatada. Esse é um dado civilizatório de magnitude histórica.

Esse projeto da refundação do Brasil sob outras bases, com uma democracia construída a partir de baixo, popular, participativa socioecológica e aberta ao mundo constitui, certamente, nosso sonho bom e nossa utopia alvissareira.

Três pilasstras a sustentarão: a natureza de riqueza singular, fundamental para o equilíbrio ecológico da Casa Comum, a Terra, a nossa cultura criativa, original, diversa e apreciada no mundo inteiro e, por fim, o povo brasileiro inteligente, inventivo, hospitaleiro e místico a ponto de pensar que Deus é brasileiro.

Essas energias poderosas poderão construir nos trópicos, não direi o sonho de Darcy Ribeiro, a Roma dos trópicos, mas uma nação soberana, ecumênica que integrará os milhões de deserdados e que contribuirá à nova fase da

humanidade, a planetária, com mais humanidade, humor, alegria e que sabe conjugar trabalho com festa. Importa derrotar as elites do atraso e antinacionais que representam um Brasil agregado e sócio menor do projeto-mundo.

Não anuncio otimismo, mas esperança. Santo Agostinho que não era europeu, mas africano, um dos maiores gênios do cristianismo, bispo de Hipona, hoje Tunísia, deixou escrito em sua biografia, as *Confissões*, esta palavra que será a minha última.

A esperança, já o disse muitas vezes, tem duas formosas irmãs: a indignação e a coragem.

A indignação para rejeitar tudo o que se apresenta como injusto e ruim.

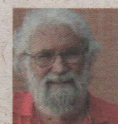
A coragem para transformar a política do Brasil de ruim e péssima em boa e justa e refundar um Brasil onde todos possam caber, a natureza incluída.

Hoje precisamos cultivar a indignação contra as maldades oficiais que transbordaram o cálice da amargura.

E a coragem para irmos às ruas, às praças, para salvar a democracia, garantir a possibilidade da candidatura presidencial de Lula e assegurar um país soberano, nosso, com um destino definido pelo próprio povo.

Alimentamos a certeza de que chegará o dia em que a justiça e a igualdade triunfarão. Uma sociedade não pode se sustentar sobre a injustiça, a profunda desigualdade e a violência estrutural. A luz tem mais direito que todas as trevas que nos estão ocultando o horizonte. Esta luz triunfará e nos mostrará o melhor caminho que juntos queremos trilhar.

Clarice Lispector (10/12/1920, Ucrânia - 09/12/1977 - Rio de Janeiro), em "Correio Feminino", organização de Aparecida Nunes. Editora Rocco, 2006.



Leonardo Boff

Filósofo. Teólogo. Escritor. Excerto do livro Saber Cuidar. 18ª Edição. Editora Vozes. 2012.



A DAMURIDA DOS MACUXI:

UM QUENTÍSSIMO ENSOPADO DE PEIXE OU CAÇA MOQUEADA

Zezé Weiss

Conheci a damurida, símbolo da culinária Macuxi, em uma comunidade indígena em Roraima, durante um Festival Wapichana-Macuxi de Damurida, no ano de 2010. Foi lá que uma damurida de tambaqui me fez suar frio e pedir arrego, já que nem o pirão de tapioca que a acompanhava foi capaz de aliviar a queimadura que tomou conta da minha boca, dos meus olhos, do meu rosto inteiro.

Entre um panelão de barro e outro (são enormes e lindos!), a amiga Ivanilde Macuxi me apresentou aquele ensopado de peixe (também pode ser de caça moqueada) pra lá de condimentado. Foi também a

Ivanilde quem me disse que o segredo da damurida está no molho, um caldo de tucupi que, ao contrário do tucupi normal, geralmente ralo e amarelado, já que depois de apurado no fogo por horas torna-se escuro e encorpado.

Mas as mulheres indígenas com quem conversei me disseram que só o tucupi não garante uma boa damurida, que o principal mesmo é temperar o caldo da damurida com o tucupi engrossado, com o cariru, uma folha amazônica, e com a pimenta, aliás, as muitas pimentas, como a murupi e a olho-de-peixe, todas muito ardidas, porque sem pimentas,

pra elas, não é damurida.

Caminhando pelas barracas, onde mulheres e homens indígenas – e até crianças – degustavam suas damuridas como se fosse água de coco, soube que o prato nasceu por necessidade, que vem do tempo em que os grupos indígenas faziam longas caminhadas. Naquela época, que já ficou pra trás, as caravanas aprenderam a usar o moquém, que consiste em assar lentamente o peixe ou a caça na fumaça que sobe dos braseiros, pra que pudessem durar por mais tempo.

Juntando a carne moqueada com o caldo apimentado, assim surgiu a damurida!



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental


 @zezeweiss

Foto: Manreza.com.br

RESPEITO À CONSTITUINTE ANTES DO JUDICIÁRIO

Artigo 5º da CFB - LVII - ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;

Trajano Jardim

A tradição do Judiciário brasileiro nos momentos decisivos da história sempre foi de defesa dos interesses das elites dominantes. Tomando como base o Supremo Tribunal Federal (STF), a cada chamamento da história, o seu posicionamento tem sido, com raríssimas exceções, sempre contrário aos direitos das classes populares, em favor da "casa grande".

Foi assim entre 1917 e 1920, quando recrudescceu o movimento operário brasileiro (com a eclosão das grandes greves), abalando as estruturas do iniciante capitalismo brasileiro, que buscou em sua defesa o direito de explorar os trabalhadores. Na época, o Congresso Nacional e o STF deram suporte à Lei Adolfo Gordo, que permitia prender, torturar e expulsar os dirigentes sindicais estrangeiros.

Em 1946, com a redemocratização do pós-guerra, os comunistas conseguiram a legalização do PCB. Concorreram às eleições e elegeram quatorze deputados federais, um senador, representantes em várias assembleias estaduais, e o partido obteve 10% dos votos para seu candidato à Presidência da República.

Mas, no ano seguinte, o PCB teve seu registro cancelado e os mandatos foram cassados, por determinação do Judiciário brasileiro.

Nesse julgamento, o advogado Sin-

val Palmeira afirmou, "não consta que o STF tenha cumprido o seu dever, como esperava. Tudo isto ficará quando já houverem passado os homens, atores dessa peça que, afinal, não foi muito bem ensaiada, chegando alguns dos protagonistas a sentirem distúrbios emotivos. Como advogado, defendemos o direito que julgamos líquido e sagrado. O Supremo Tribunal que faça justiça, pois este é seu mister".

Nos tempos atuais temos visto os Tribunais Superiores seguirem a mesma proposta de suprimirem direitos dos trabalhadores em benefício dos empregadores e das elites dominantes. O STF, por voto monocrático do ministro Gilmar Mendes, acabou com a Ultratividade, que garantia os direitos conquistados nas Convenções Coletivas de Trabalho; votou contra o direito de desaposentação dos aposentados, não permitindo a revisão dos salários daquele que continuaram trabalhando. O TST, por seu lado, tem negado os recursos das entidades sindicais do setor de educação particular, contra as demissões imotivadas, afrontando a Constituição.

Em relação aos direitos individuais previstos no artigo 60, § 4º, inciso IV, não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir esse direito, por estar este incluso entre as consideradas cláusulas pétreas.

Este preceito foi ignorado pela Operação Lava Jato em relação à condenação do presidente Lula, baseado numa decisão do STF, quando julgou a constitucionalidade referente à Lei da Ficha Limpa, que atropelou a Constituição Federal do Brasil.

Nesse sentido é constrangedora a manifestação da ministra presidente do STF, que cobrou respeito às decisões do Judiciário, afirmando que é inadmissível desacatar a Justiça e que reabrir a discussão da "prisão em segunda instância" seria apequenar o Supremo.

São dois pesos e duas medidas. Exigir respeito ao Judiciário e, ao mesmo tempo, desrespeitar e apequenar os direitos individuais, conforme o Supremo, Ministério Público e Polícia Federal têm feito com o presidente Lula, apequena a Democracia e viola os direitos humanos e os direitos individuais prescritos na Carta Magna.

Os poderes da República devem obrigação e respeito à Constituição. Esta tem que ser respeitada antes de qualquer outro poder. Mesmo aqueles que se colocam como deuses do Olimpo. A pecha de agressores da Justiça deve caber àqueles que teimam em satisfazer os interesses dos grupos dominantes, em detrimento dos interesses Maiores da soberania da Nação e do nosso povo.

UM RIO DE SANGUE BANHOU A AMAZÔNIA:

DOROTHY

TESTEMUNHA DE LUTA E EXTERMINÍO

Iêda Vilas-Bôas

"Não vou fugir e nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade, sem devastar."

Dorothy Mae Stang, a Irmã Dorothy, foi muito mais que uma religiosa americana que se naturalizou brasileira e procurou seguir os passos do Nazareno, clamando por justiça social. Deu testemunho de morte ao optar pelo lado dos mais fracos na luta por igualdade.

Nasceu em Dayton-EUA, em 7 de junho de 1931 e tombou em solo paraense, brutalmente assassinada com seis tiros, em Anapu, no fatídico 12 de fevereiro de 2005.

Pertencia à Congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur - Califórnia, uma instituição religiosa católica que atua em trabalho pastoral nos cinco continentes. Irmã Dorothy ingressou na vida religiosa em 1950 e, em 1956 emitiu seus votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência.

De 1951 a 1966 foi professora em escolas da congregação. Ainda no ano de 1966 veio para o Brasil e iniciou seu ministério de evangelização e ativismo social, na cidade de Coroatá, no Maranhão.





Dorothy trouxe consigo uma extrema indignação contra as injustiças sociais e, logo ao chegar, postou-se ao lado dos trabalhadores rurais da Região do Xingu. Atuava ativamente na busca da geração de emprego e renda e implementava projetos de capacitação das pessoas e de reflorestamento em áreas degradadas.

Destaca-se entre suas inúmeras iniciativas em favor dos mais empobrecidos a fundação da primeira escola de formação de professores na rodovia Transamazônica: a Escola Brasil Grande. Suas múltiplas atividades a fizeram envolver-se nos conflitos fundiários da região, e ela ocupou este espaço com a forte intenção de minimizá-los.

Para desgosto de seus algozes, sua luta e envolvimento nos movimentos sociais no Pará e nas atividades de desenvolvimento sustentável extrapolaram os limites fronteiriços da Vila de Supupira (um lugarzinho perdido, distante a 500 quilômetros da capital e longe da justiça oficial de nosso país), no município de Anapu, no Pará, e ganhou reconhecimento nacional e internacional. Em Vila de Supupira reinava o império da matança, da exploração servil e dos senhores da terra.

Irmã Dorothy era membro da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e trazia nas veias um misto de determinação e solidariedade para com a luta dos explorados trabalhadores do campo. Defendia uma reforma agrária justa e sustentável. Era ponte do diálogo entre lideranças camponesas, políticas e religiosas, que buscavam soluções duradouras para os conflitos relativos à posse e à exploração da terra na Região Amazônica.

Irmã Dorothy recebeu em sua caminhada muito carinho, mui-

ta gratidão, mas também diversas ameaças de morte, porém jamais se intimidou. Talvez acreditasse num sentimento fraternal que interligaria a todos – fazendeiros, ruralistas e trabalhadores rurais no mesmo elo de uma só corrente solidária e amorosa. Talvez sua prática de vida devotada ao próximo a fizesse crer num altruísmo imanente em qualquer ser humano. Que pena! Estava enganada a irmãzinha.

Entretanto, a luta seguia e o reconhecimento também. Em 2004, Dorothy Stang recebeu premiação da Ordem dos Advogados do Brasil (seção Pará) pela sua luta em defesa dos direitos humanos. Em 2005, foi homenageada pelo documentário livro-DVD *Amazônia Revelada*.

O ano era 2005 e mal havia começado quando Irmã Dorothy Stang foi assassinada, com seis tiros: um na cabeça e cinco ao redor do corpo, aos 73 anos de idade, no dia 12 de fevereiro, às sete horas e trinta minutos da manhã, em uma estrada de terra de difícil acesso, a 53 quilômetros da sede do município de Anapu, no Estado do Pará, Brasil. Conta-se que, antes de ser alvejada, perguntaram a ela se estava armada, ao que a guerreira Dorothy respondeu: – Eis minha arma! E mostrou a sua Bíblia. Poucos minutos depois, perderia a vida.

Dorothy recebeu sua sentença de morte decretada pelo fazendeiro Vital Miro Moura, o Bida. Ele foi condenado em um primeiro julgamento a 30 anos de prisão. Num segundo julgamento, contudo, foi absolvido. Após um terceiro julgamento, foi novamente condenado pelo júri popular a 30 anos de prisão.

Dorothy morreu porque ousou desobedecer às regras vigentes da região e porque encorajou moradores e trabalhadores a protegerem a floresta e a confiar nas técnicas agrícolas susten-

táveis. Foi assassinada porque defendia a implantação de assentamentos para trabalhadores rurais em terras públicas que eram reivindicadas por fazendeiros e madeireiros da região. Suas ideias eram contrárias aos interesses do agronegócio, dos fazendeiros e latifundiários. A irmã missionária era testemunha dos incêndios provocados, da derrubada das árvores e da especulação ruralista. Tornou-se uma pedra no sapato dos poderosos.

Assim, Dorothy virou alvo e foi executada friamente, sem nenhum direito a defesa. Irmã Dorothy Stang, hoje, faz parte de uma triste estatística. Juntou-se ao Panteão dos que morreram pela Amazônia: ambientalistas, agricultores e defensores dos direitos humanos. Todos e todas vítimas de assassinatos premeditados para eliminar a oposição à destruição da floresta amazônica, á relembrar destacamos: Chico Mendes, Padre Josimo, José Claudio Ribeiro, Maria do Espírito Santo e Gonzalo Hernandez. Esses nomes sobressaem no cenário dos conflitos agrários no Brasil e se associam aos de tantos outros anônimos homens, mulheres e crianças que perdem, perderam e perderão a vida em busca de seus direitos cotidianamente desrespeitados.

A religiosa, a ativista, a missionária ambientalista morreu porque queria uma comunidade autossuficiente e por defender a floresta. Que sua morte não tenha sido em vão. Que a sua esperança de uma Amazônia mais justa não se apague. Salve, Dorothy Mae Stang!



Iêda Vilas-Boas
Escritora

UM ANO DE LUTAS POR ENFRENTAR

Bia de Lima



Nosso ano já começa com uma robusta plataforma de lutas. São imensos os desafios que teremos pela frente, mas buscaremos garantir o respeito e a valorização aos profissionais da educação. Seja na rede estadual, onde garantimos no ano passado grandes conquistas, o que fortaleceu ainda mais a nossa luta para novos desafios este ano, seja nos municípios do interior, onde nossas regionais já estão, desde o início do ano, trabalhando para defender nossa categoria. Na capital, temos uma árdua e difícil tarefa, garantir o pagamento do Piso para os professores e a Data-base dos administrativos, chamamento de novos concursados e melhorias no IMAS. Apesar dos desafios que temos pela frente, começamos o ano com algumas boas notícias: Foi mantido o auxílio-alimentação para os funcionários e funcionárias da educação, na rede estadual inclusive ampliando teto, sendo a educação é única categoria onde o limite para pagamento do auxílio é de R\$ 10 mil, enquanto nas outras categorias foi a R\$ 5 mil. Na rede municipal de Goiânia, conseguimos garantir o chamamento de boa parte dos aprovados no concurso da SME, a luta agora é para novas convocações.

Conseguimos também que fosse respeitado o processo democrático na rede municipal de Goiânia, no que diz respeito a eleição para diretor(a) – estes já estão de posse de seus novos cargos. Já na rede estadual estamos enfrentando grandes dificuldades para defender eleições diretas para diretor(a), a Seduce insiste em indicar apadrinhados políticos para os cargos de direção, não aceitaremos!

Para garantir o pagamento do percentual do PISO de 6,81%, estipulado pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, nossa direção está trabalhando em todos os municípios, negociando com as prefeituras para garantir que o pagamento do PISO seja feito de imediato, incluindo os retroativos para quem ainda não recebeu o mês de janeiro. Essa é uma batalha que não cessa!

Neste novo ano, temos a promessa de inauguração do Hospital do Servidor Público. Um moderno complexo médico que vai garantir, aos usuários do Ipasgo, atendimento de excelência nas mais variadas áreas da medicina. Uma grande conquista dos servidores públicos.

A exemplo no ano passado, quando percorremos centenas de escolas da rede estadual e municipal de Goiânia realizando o Projeto Sintego Itinerante, levando informação, serviços e atendimento aos nossos filiados e filiadas, percorreremos novas escolas, na certeza de que é próximo a nossa base que possibilitaremos um trabalho mais profícuo e alinhado com as necessidades de nossa categoria.

Por fim, estamos totalmente engajados na luta pela Democracia, seja ela no ambiente escolar, em Goiânia, em Goiás e no Brasil. Anos eleitorais são anos mais desafiadores para a nossa categoria e para o Sintego principalmente. Em 2018, temos ainda mais certeza da importância de fazer com que a nossa frágil democracia, tão duramente conquistada por aqueles e aquelas que vieram antes de nós, seja plenamente respeitada.

Conto com vocês nesta caminhada!



Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.



SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

filiação à





DE VOLTA ÀS CORRENTES, AOS GRILHÕES E ÀS CHIBATADAS

Ângelo Fabiano Farias da Costa

Depois da aprovação da "Reforma Trabalhista", que retira inúmeros direitos trabalhistas, a sociedade brasileira esperava um "sossego" na destruição de direitos sociais.

Eis que o Governo Federal, desprovido de qualquer pudor e compromisso com os direitos fundamentais mais básicos do ser humano, edita a Portaria nº 1.129 do Ministério do Trabalho, redefinindo o conceito de trabalho em condições análogas às de escravo e impondo uma série de dificuldades para a prevenção, a fiscalização e a punição dessa chaga social que envergonha o país.

Não obstante sua patente ilegalidade, vez que usurpa prerrogativa do Congresso Nacional, pois o conceito do trabalho escravo é trazido no Código Penal, não podendo ser modificado por ato de natureza infralegal, a portaria em comento esvazia o referido conceito, condicionando sua caracterização à necessidade da existência do cerceamento da liberdade de ir e vir, o que nem sempre ocorre.

O atual conceito de trabalho escravo, e que tornou o Brasil referência mundial, busca preservar não apenas a liberdade, mas também a dignidade do trabalhador, que muitas vezes é escravizado sem a restrição da sua liberdade, seja por jornadas exaustivas, em que, por circunstâncias de intensidade e desgaste, há o esgotamento físico e mental do trabalhador, seja por submissão a condições degradan-

tes, em que não lhe é garantido um patamar mínimo de proteção à sua higiene, saúde e segurança no trabalho, com desprezo total de sua dignidade.

Assim, o trabalho escravo contemporâneo evidencia-se quando alguém exerce sobre uma pessoa atributos do direito de propriedade, reduzindo-a à condição de coisa, o que já foi reconhecido pelo STF e pela Corte Internacional de Direitos Humanos que, inclusive, condenou o Brasil no caso *Trabalhadores da Fazenda Brasil Verde us. Brasil*, em que se previu que não poderia haver retrocessos na política de erradicação do trabalho escravo, o que foi desconsiderado pelo Governo, ao reduzir a caracterização do trabalho escravo unicamente a situações de restrição de liberdade e, com isso, retornando ao século XIX, quando tínhamos grilhões, correntes e chibatadas.

Ademais, a portaria viola tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário, a exemplo das Convenções 29 e 105 da OIT, o que pode gerar a aplicação de sanções internacionais, comprometendo ainda mais a imagem do país perante o mundo. Mantidas as regras da portaria, em pouco tempo haverá a falsa impressão de que a escravidão acabou no país, com o mascaramento total da realidade social. Ou seja, a escravidão continuaria, mas não apareceria nas estatísticas.

Apesar da forte pressão, o Gover-

no não recuou um milímetro na edição da portaria, demonstrando seu compromisso em atender poderosos interesses empresariais, mesmo que isso cause um retrocesso social e manche a imagem do Brasil.

Essa resistência fez com o que o Partido Rede Sustentabilidade ingressasse com uma ação perante o STF requerendo a imediata suspensão do ato. Distribuída à Ministra Rosa Weber, houve deferimento de liminar para suspender a portaria atacada, o que nos deixa esperançosos.

Oxalá permita que esse ato não venha a causar efeitos, livrando-nos de um retrocesso sem precedentes na luta pela erradicação da escravidão contemporânea, chaga social que envergonha todos os brasileiros e que deve ser extirpada de todo o território nacional.



Ângelo Fabiano Farias da Costa - Procurador do Trabalho e presidente da Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho (ANPT).
Fonte: www.anpr.org



FORMOSA:

DE QUE SE ALIMENTAVAM OS HABITANTES DE COUROS?



A carne seca de gado era abundante, mas não para a alimentação dos habitantes de Couros. Estes, quando desejavam uma comida mais nutritiva, buscavam a carne fresca dos macacos, das antas e dos tatus.

De maneira geral, embora se deixassem apanhar facilmente, os tatus eram consumidos apenas por poucos corajosos, pois constava que eles, eventualmente, escavassem sepulturas para alimentarem-se de restos humanos. Daí serem evitados por muitos. Até há pouco tempo era crença disseminada que os tatus-canastra seriam devoradores de carne de defuntos, embora sabidamente eles escavassem apenas com o objetivo de obterem vermes e insetos.

Entre as aves, as perdizes e as codornas eram as mais aceitas. Os papagaios, as araras e os periquitos tinham fama de possuírem carne muito dura e de difícil cocção. As emas eram muito caçadas e a carne bastante consumida.

As caças prediletas, em todos os tempos, porém, foram os veados campeiros, muito abundantes na região do cerrado de Couros, as pacas e os caititus. Tanto aqueles como estes raramente podiam ser apanhados, sem que se dispusesse de armas de fogo, muito raras entre os mais pobres, no início do povoamento, quando a fome era uma constante na vida dos migrantes.

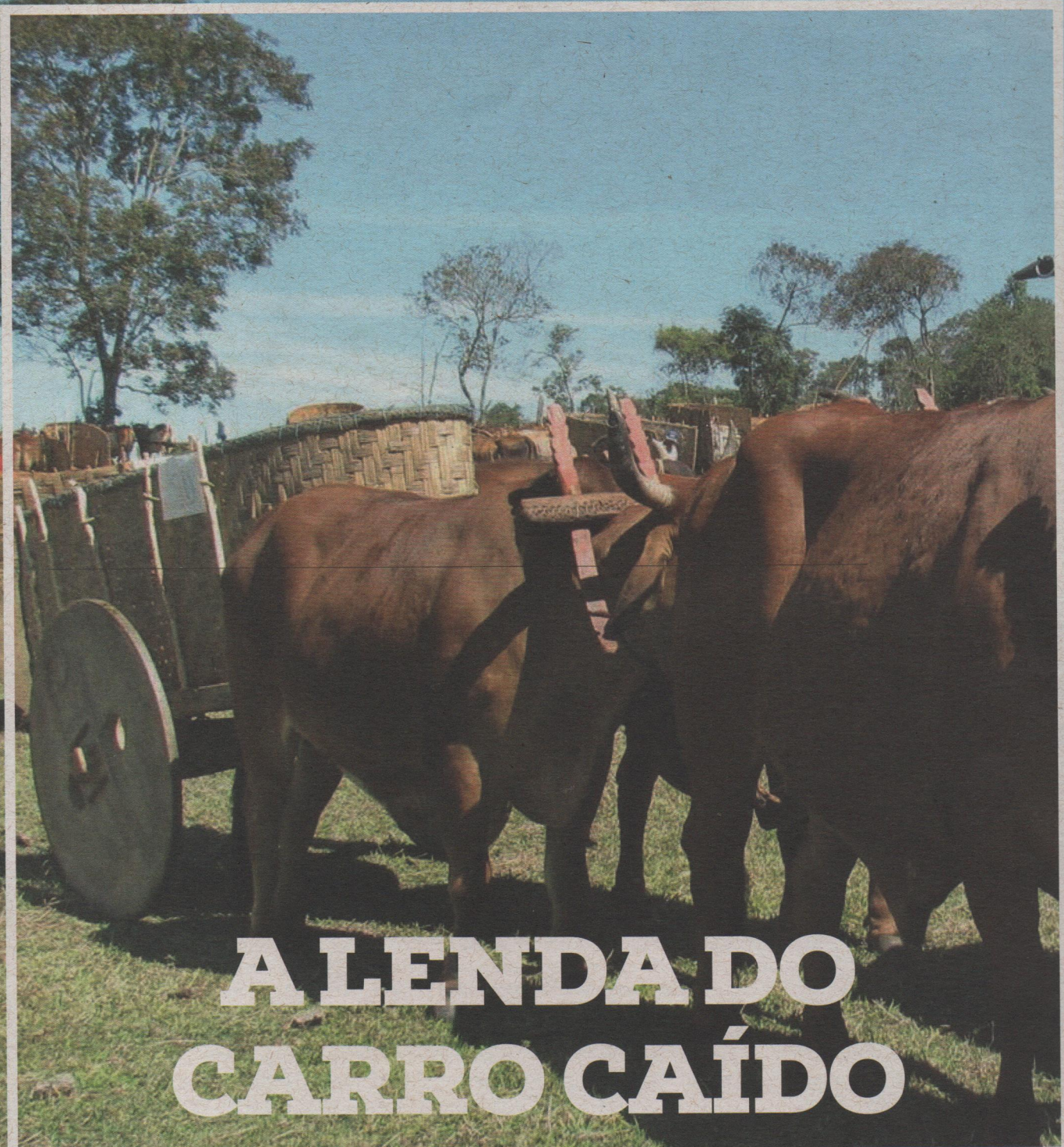
Curiosamente, em pleno século vinte, a alimentação do habitante da região ainda era a mesma consumida pelo morador dos campos e das matas, no início do povoamento. Além da caça, as frutas do cerrado consistiam em parte substancial da dieta daqueles que se dispunham, ou conseguiam realizar algum esforço para coletar. Em qualquer época do ano, podia-se encontrar algum espécime do cerrado, florescendo ou frutificando.

Era relativamente fácil colher frutos dos coqueiros-xodó, das cagaiteiras, dos baruzeiros, dos jatobazeiros, das pitangueiras do cerrado, das mama-cadelas (fruta de cera), das gabirobeiras, dos pequizeiros e outros mais. De todos, talvez o fruto mais completo e mais nutritivo fosse o baru, com sua semente rica em cálcio, potássio e ferro, além de possuir bom teor de gorduras. O pequi, contudo, sempre foi o preferido da maioria.

Além dos frutos, havia ainda os tubérculos, como os do cará e do mata-fome, e as raízes, como a mandioca. Esta, embora originária do Paraguai e dos campos do Mato Grosso, era muito difundida por todo o Brasil, seguramente por obra dos índios migrantes.

Intuitivamente, o homem da região, consumindo esses produtos, fornecia ao corpo praticamente toda a cota de vitaminas, sais minerais e gorduras de que necessitava, ficando carente apenas das proteínas animais e de alguns carboidratos. A alimentação disponível era completa para aqueles que tinham ânimo e força para coletar, desde que coadjuvada com a carne das caças e o carboidrato da cana, da mandioca, do arroz e das abóboras.

Alfredo A. Saad - Jornalista formosense, falecido em 2011, em seu livro póstumo, *Album de Formosa* - um ensaio da história de mentalidades, publicado pela família em 2013.



A LENDA DO CARRO CAÍDO

Luis da Câmara Cascudo



O negro vinha da Aldeia Velha, servindo de carreiro. O carro tinha muito sebo com carvão nas rodas e chiava como frigideira. Aquilo não se acaba nunca.

Sua incelência já reparou os ouvidos da gente quando está com as maletãs? Pois, tal e qual.

O carreiro era meu charapim: acudia pelo nome de João, como eu.

Deitou-se nas tábuas, enquanto os bois andavam para diante, como as archatas merejando suor que nem macaxeira encruada.

Levavam um sino para a Capela de Extremoz. Na vila era povo como abelha, esperando o brônzio para ser batizado logo.

João de vez em quando acordava e catucava a boiada com a vara de ferrão:

- Eh, Guabiraba, eh, Rompe-Ferro, eh, Manezinho!

Era lua cheia.

Sua incelência já viu uma moeda de ouro dentro de uma bacia de flandres? Assim estava a Lua lá em cima.

João encarou o céu como onça ou gato-do-mato.

Pegou no sono, o carro andando...

Mas a boiada começou a fracatear, e ele quando acordava, zás! - tome ferroada!

Os bois tomaram coragem à força. Ele cantou uma toada da terra dos negros, triste, triste, como quem está se despedindo.

Os bois parece que gostaram e seguraram o passo.

Então ele pegou de novo no sono.

Quando acordou, os bois estavam de novo parados.

- Diabo! E tornou a emendá-los com o ferrão.

A coruja rasgou mortalha. João não adivinhou, mas a coruja era Deus que lhe estava dizendo que naquela hora e carregando um sino para a casa de Nosso Senhor não se devia falar no Maldito.

Gritou outra vez!

- Diabo!

O canhoto então gritou do inferno:

- Quem é que está me chamando?

João a modo que ouviu e ficou arrepiado. Assobiou para enganar o medo; tornou a cantar a toada, numa voz de cortar o coração, como quem está se despedindo.

Pegou ainda no sono uma vez. Se a luz da Lua escorrendo do céu era que nem dormideira!

Quando acordou - aquilo só mandando! - a boiada estava de pé.

- Diabo!

O Maldito rosnou-lhe ao ouvido:

- Cá está ele!

E arrastou o carro para dentro da lagoa com o pobre do negro, os bois e tudo. Ele nem teve tempo de chamar por Nossa Senhora, que talvez lhe desse socorro.

Mas ainda está vivo debaixo d'água, carreando.

Sua incelência já passou por aqui depois da primeira cantada do galo no tempo da Quaresma? Quando passar, faça reparo: - canta o carreiro, chia o carro, toca o sino e a boiada geme...

Luis da Câmara Cascudo (1888-1986) - Folclorista,
Em "Lendas Brasileiras", Ediouro, 2.000.

FEBRE AMARELA: A CULPA NÃO É DO MACACO

O pânico com o aumento dos casos de febre amarela em vários estados do Brasil tem levado, em algumas regiões, ao sacrifício de macacos por populares que desconhecem os vetores de transmissão da doença.

Na verdade, os estudos mostram que a febre amarela é transmitida única e exclusivamente por mosquitos contaminados pelo vírus dos gêneros *Sabethes* e *Haemagogus*, comuns em locais de matas, e que, portanto, não são os macacos que a propagam.

Ao contrário, os macacos são apenas vítimas que, ao morrerem infectados pelo vírus da febre amarela, podem salvar vidas humanas, pois servem como indicadores das áreas afetadas pelo mosquito transmissor.

Assim, ao ser diagnosticada a morte de um macaco das espécies sagui, bugio e prego, todas ameaçadas de extinção, ou de qualquer outra espécie em uma área, cabe à Saúde Pública agir de imediato para evitar mortes humanas.

Por essa razão, além do fato de que matar animais silvestres é crime ambiental, conforme a Lei Federal nº 9.605/98, cuja pena pode chegar a um ano de prisão e pagamento de multa, o assassinato de um macaco prejudica a prevenção e controle da doença entre nós, seres humanos.

O QUE DEVE SER FEITO AO ENCONTRAR UM MACACO

1. **MACACO ENCONTRADO MORTO:** Entrar imediatamente em contato com a Vigilância Epidemiológica Municipal ou o Grupo de Vigilância Epidemiológica (GVE) do seu município ou região.
2. **MACACO ENCONTRADO VIVO:** Comunicar a Polícia Militar Ambiental sobre local do encontro.
3. **MACACOS MANTIDOS EM CATIVEIRO:** Não os soltar sem autorização prévia do órgão ambiental competente, pois a soltura desses animais silvestres é considerada crime ambiental previsto no Artigo 31, da Lei 9.605/98.



CAMPANHA SALARIAL 2018

PROFESSORES, TÉCNICOS E ADMINISTRATIVOS DO SETOR
PRIVADO DE ENSINO, MOBILIZEM-SE E APOIEM O SEU SINDICATO!

Renovação
da
Convenção
Coletiva de
Trabalho

Homologação
é no
SINDICATO

Ganho
REAL
de salário

Nenhum
direito a
menos!



contee

Confederação Nacional dos Trabalhadores
em Estabelecimentos de Ensino



Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **120**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **199**,00

24 EDIÇÕES
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**REVISTA
DIGITAL**

ANUAL

R\$ **60**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **99**,00

BÔNUS: REVISTA IMPRESSA
(DO MÊS DA ASSINATURA)

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE